

CLIPPING SEMANAL DE MINERAÇÃO 08 a 13 de setembro de 2014

(Coordenação: Karen C. Nasser de F. Borges, Ad Hoc Consultores Associados Ltda)

DESTAQUE DA SEMANA

O destaque da semana vai para as duas matérias publicadas no final desse clipping que, de alguma maneira se conectam entre si e, ambas, com as linhas do noticiário: de sinais de mudanças nos paradigmas econômicos do Setor Mineral Mundial.

A primeira matéria trata da preocupação das lideranças empresariais da mineração canadense com a perda de competitividade da indústria mineral daquele país, ressaltando os benefícios auferidos com a exuberante alta de preços da década passada, além de fazer referência ao rompimento de uma barragem de rejeitos, em Mount Polley, na Colúmbia Britânica. A segunda é a Nota de Esclarecimento demitada pelo DNPM em função do rompimento da barragem de rejeitos da Mineração Herculano em Minas Gerais.

A relação direta entre as duas matérias – o rompimento de uma barragem de rejeitos – tem de importante, essencialmente, uma diferença sutil entre a cultura mineral dos dois países. Enquanto no caso do desabamento da barragem no Brasil é a autoridade governamental quem vem a público se manifestar sobre o ocorrido, informando seu empenho em minimizar o risco de novos danos ao mesmo tempo em que pesquisa as causas do acidente, no Canadá, é o representante da classe empresarial quem o faz. Além disso, o representante dos mineradores canadense vai mais além, informando o compromisso da entidade que representa em buscar melhorar o design e a manutenção dos seus projetos, ao mesmo tempo em que reivindica mais efetividade na regulação e na fiscalização.

Quanto á relação dessas matérias com o quadro geral do Setor Mineral, que dá claros sinais do fim do superciclo, diz respeito à situação de cada país nesse momento. Embora em ambos os países, o discurso das lideranças trate da necessidade de aumentar a atração de investimentos e assegurar a contribuição da indústria mineral para a geração de empregos, renda e infra-estrutura oferecer regras que atraiam mais investimentos, há uma diferença importante que talvez explique por que o Canadá se beneficiou muito mais que o Brasil dos efeitos da alta de preços de minerais. Essa razão é simples, enquanto lá Governo e Setor Privado têm um bom entendimento sobre o que precisa ser feito para desenvolver seus recursos minerais, e desenvolveram, juntos, ações concretas de fomento à mineração, que tiveram êxito ao longo da última década, no Brasil esse assunto foi tema de uma intensa e interminável disputa ideológica que colocou o Governo e o Setor Privado em lados opostos, fazendo com que o Brasil os benefício da “década de ouro da mineração”, se limitasse ao aumento das receitas de exportações de dois ou três produtores de minério de ferro, cujos preços, como pode se constatar nessa edição, seguem ladeira abaixo.

Luciano de Freitas Borges – Ad Hoc Consultores Associados Ltda.

1-08/09/2014

Grandes do minério de ferro desafiam queda nos preços e elevam produção

Por **John W. Miller, Rhiannon Hoyle e Alexis Flynn** | **The Wall Street Journal**

Apesar dos preços em queda livre e da fraca demanda, as mineradoras continuam extraindo cada vez mais minério de ferro.

A Rio Tinto PLC e a BHP Billiton, na Austrália, e a Vale SA, no Brasil - as três maiores produtoras de minério de ferro no mundo -, estão elevando sua produção na expectativa de que a enorme eficiência de escala as leve à lucratividade, apesar dos preços serem hoje a metade do que eram há quatro anos. Essas empresas também estão apostando que os preços mais baixos vão forçar concorrentes com custos maiores a sair do mercado, dando a elas maior poder de formação de preço no longo prazo.

A Cliffs Natural Resources Inc. já contratou bancos para vender suas minas na Austrália devido à concorrência difícil. "As três grandes estão no controle e não há muito a fazer", diz o brasileiro Lourenço Gonçalves, diretor-presidente da empresa americana.

A situação está sendo observada de perto pelos fabricantes de aço da China, Coreia do Sul e Japão, os três maiores importadores mundiais de minério de ferro, o principal ingrediente para produção de aço. Se os principais agentes desse mercado, que são responsáveis por mais de 60% do comércio marítimo do mineral, fortalecerem seu controle do mercado, eles poderão exercer maior pressão nas negociações de preços.

Um porta-voz da Federação de Ferro e Aço do Japão, Takefumi Nagamine, diz que a entidade está preocupada com o oligopólio das produtoras de minério de ferro há vários anos. "A situação não mudou", diz.

Durante o boom das commodities dos últimos dez anos, havia demanda suficiente no mundo para que as mineradoras produzissem o quanto fosse possível, sabendo que os projetos de infraestrutura nas economias em desenvolvimento absorveriam tudo. A produção de minério de ferro continuou crescendo ainda que expansão desses mercados tenha desacelerado, juntamente com a demanda por aço.

"A China não irá investir mais o que vinha investindo em infraestrutura", disse Mark Cutifani, diretor-presidente da Anglo American PLC, ao *The Wall Street Journal*. "Ainda há muitos prédios sem ninguém dentro."

A China importa 65% de todo minério de ferro comercializado entre países, então sua demanda direciona os preços. A Anglo, outra grande produtora de minério de ferro, também está elevando a produção em uma nova mina no Brasil, a Minas-Rio, em Minas Gerais, mas Cutifani prometeu segurar a oferta futura. As três grandes produtoras do minério precisam mostrar disciplina ou "pagarão o preço", disse.

Ivan Glasenberg, presidente do conselho da Glencore PLC, que, apesar de não ser uma grande produtora, comercializa minério de ferro, também prega cautela. Ele ressalta que 25% do minério de ferro mundial é de produção nova e a tendência deve continuar

crescendo nos próximos quatro anos. "Estamos superabastecendo o mercado e é isso que está matando o superciclo", disse ele a analistas.

A produção global das cinco maiores mineradoras - Vale, BHP, Rio Tinto, Anglo American e Fortescue Metals Group Ltd. - deve crescer mais de 40% até 2017, para 1,5 bilhão de toneladas, mesmo com a expectativa de a demanda avançar só entre 10% a 15%, segundo Charles Bradford, que dirige uma empresa de pesquisa de metais. O resultado "será um desastre", diz.

O presidente do conselho de administração da BHP, Andrew Mackenzie, disse recentemente ao WSJ que sabe que as mineradoras de alguns países sofrerão, mas estima que outras, incluindo as australianas, vão prosperar. "Haverá perdedores e ganhadores" entre os países, disse.

Com o preço do minério de ferro próximo do nível mínimo em cinco anos, abaixo de US\$ 85 a tonelada, várias mineradoras pequenas e médias estão sob pressão. A Labrador Iron Mines Holdings Ltd., do Canadá, paralisou todas as operações há poucos meses devido aos preços baixos demais para cobrir os custos.

Mesmo com os preços abaixo da metade dos US\$ 190 registrados em 2011, eles ainda estão cerca de cinco vezes mais altos que em 2004. Com o custo da exploração do minério de ferro em torno de US\$ 50 por tonelada e atingindo até US\$ 30 nas mineradoras mais eficientes, as margens de lucro podem ser expressivas. O minério de ferro responde por mais de 50% dos lucros da BHP e cerca de 90% dos lucros da Rio Tinto e da Vale.

Paul Gait, analista da Sanford C. Bernstein, prevê que os preços subirão para US\$ 105 por tonelada, uma das maiores estimativas do setor, que comecem em US\$ 80 por tonelada para o curto prazo. Segundo Gai, Rio Tinto, BHP e outros grandes fornecedores terão tanta capacidade que irão ditar os preços. "O minério de ferro será uma boa aposta por um longo tempo", diz.

Isso explica porque as mineradoras continuam a expandir sua capacidade. No Brasil, a Anglo American começará, no fim do ano, a exportar minério de ferro da Minas-Rio, depois de anos de estouros de orçamento que atingiram US\$ 6 bilhões. A ArcelorMittal, a maior fabricante de aço do mundo, está ampliando os investimentos em exploração de minério de ferro no oeste da África e norte do Canadá. A Vale aumentou sua produção em 13%, para 79,4 milhões de toneladas no segundo trimestre.

No centro desse novo boom de minério de ferro está a Austrália. A BHP e a Rio Tinto garantiram enormes depósitos no país e investiram pesado em frotas de caminhões que não precisam de motoristas, técnicas eficientes de explosão e extensos sistemas ferroviários para levar o minério para o porto e de lá para a China.

A BHP gastou US\$ 24 bilhões nos últimos dez anos para construir sua rede de minas, ferrovias e terminais portuários em Pilbara, na Austrália, onde ela controla mais de 20 bilhões de toneladas de minério de ferro, equivalente a um século de exploração. Ela registrou um recorde na produção de minério de ferro até junho em suas minas da Austrália Ocidental, 225 milhões de toneladas, 20% maior que no mesmo período de 2013. A BHP afirmou que o aumento da oferta e a desaceleração da China já foram

incluídos nos seus planos. A BHP espera fechar as minas que dão prejuízo em outros lugares.

A Rio Tinto tem o menor custo de produção mundial, menos de US\$ 50 a tonelada. Ela também está ampliando sua presença em Pilbara. Hoje, sua infraestrutura ali é para 290 milhões de toneladas e deve chegar a 360 milhões em meados do próximo ano.

(Colaborou Chuin-Wei Yap e Mari Iwata).

2-08/09/2014

CCX busca fechar venda de ativos na Colômbia até 30 de setembro

Por **Daniela Meibak** | Valor

SÃO PAULO - A CCX Carvão Colômbian afirmou nesta segunda-feira, através de comunicado, que, em relação à venda de projetos de mineração na Colômbia para a Yildirim, vem adotando medidas para alcançar o fechamento da operação até o dia 30 de setembro. Segundo a empresa, as principais pendências referem-se a questões registras e outras atividades regulatórias em andamento perante autoridades governamentais na Colômbia.

“A CCX segue empenhada em trabalhar e monitorar as questões sob a atribuição e ingerência das autoridades governamentais da Colômbia, com vistas a cumprir as condições precedentes atinentes às partes para alcançar o fechamento tempestivo da operação, sujeito à atuação das autoridades governamentais da Colômbia”, diz a empresa em esclarecimento.

A empresa vendeu para a Yildirim Holding projetos de mineração a céu aberto de Cañaverales e Papayal e o projeto de mineração subterrânea de San Juan, na Colômbia, incluindo o projeto de infraestrutura logística composta por ferrovia e porto.

3-08/09/2014

Tupi Mineradora anuncia investimento de R\$ 915 milhões no Sul

A cimenteira Tupi Mineradora, do Rio de Janeiro, anunciou que investirá R\$ 915 milhões na construção de uma fábrica em Adrianópolis, no Vale do Ribeira, no Paraná. Será a primeira unidade da empresa na região sul. A fábrica deve começar a operar em 2016 e terá capacidade total de produção de 1,5 milhão de toneladas de cimento por ano.

O investimento foi confirmado nesta quinta-feira (4), quando executivos da cimenteira assinaram protocolo de intenção com o governo do Paraná. Além da Tupi Mineradora, o município de Adrianópolis receberá empreendimentos da Margem Cimentos e da Companhia Vale do Ribeira.

Fonte: Site Amanhã

4-08/09/2014

Planta de bicálcio da Vale entra em operação

A Vale Fertilizantes, controlada da Vale, deu início às operações da nova planta de bicálcio em Uberaba, no Triângulo Mineiro. O empreendimento é parte do plano de investimentos de R\$ 330 milhões da companhia no complexo industrial.

A planta, inaugurada na semana passada, tem capacidade instalada de 120 mil toneladas anuais. De acordo com a companhia, a unidade tem localização estratégica, uma vez que poderá atender à região Centro-Oeste do país que mantém a maior perspectiva de crescimento.

Utilizado pela indústria de nutrição animal, o fosfato bicálcio é considerado importante para os negócios da companhia. “O Brasil é líder na produção de carnes e isso está fortemente ligado ao nosso negócio de fertilizantes, uma vez que cada quilo de carne bovina, por exemplo, equivale ao consumo de 7 quilos de grãos”, afirma, em nota, o diretor-executivo de Fertilizantes e Carvão da Vale, Roger Downey.

A nova planta é parte do plano de investimentos iniciado em 2011 com a transferência de algumas de suas operações da cidade de Cubatão (SP) para o complexo de Uberaba. “Ao transferir a localização, a empresa obteve aumento da competitividade, otimizando assim a logística de atendimento do mercado, também por conta da integração com a mina, o beneficiamento e o processo químico”, informa, em nota. Com o projeto, cerca de 1,1 mil pessoas trabalharam diretamente na obra.

Além de Uberaba, o fosfato bicálcio também é fabricado no Complexo Mineroquímico de Cajati (SP), que possui capacidade produtiva de 635 mil toneladas por ano. A Vale Fertilizantes é a maior produtora da América Latina.

A Vale Fertilizantes foi criada após a companhia comprar 100% das ações da Bunge Participações e Investimentos S/A (BPI), controlada pela norte-americana Bunge, em 2010. A operação movimentou US\$ 3,8 bilhões e incluiu a participação na Fertilizantes Fosfatados S/A (Fosfertil), detentora do complexo em Uberaba.

Salitre – Além da unidade industrial, a companhia passou a deter o Projeto Salitre, em Patrocínio, no Alto Paranaíba. O empreendimento compreende a abertura de uma mina de rocha fosfática e a construção de novas unidades industriais para a produção de ácidos sulfúrico e fosfórico, além de fertilizantes fosfatados de alta concentração. Porém, o projeto ainda não saiu do papel.

De acordo com o último relatório financeiro divulgado pela Vale, a receita da área de fertilizantes da companhia totalizou R\$ 1,473 bilhão no segundo trimestre. O resultado representa retração de 11% em relação ao mesmo intervalo do ano passado, quando somou R\$ 1,658 bilhão.

Fonte: Diário do Comércio

5-08/09/2014

TRIUMPH ACQUIRES PROJETO DE FERTILIZANTES EM MINAS

A Triumph Tin adquiriu o projeto de fertilizantes Arapuá, em Minas Gerais, menos de um mês após anunciar que desistiu dos investimentos em Mianmar para privilegiar seus projetos no Brasil. De acordo com comunicado ao mercado desta sexta-feira (5), a aquisição do projeto de potássio marca a consolidação da empresa no mercado brasileiro.

O projeto Arapuá, localizado próximo aos municípios Lagoa Formosa e Carmo do Parnaíba, em Minas Gerais, foi adquirido através da subsidiária brasileira da empresa, a Triunfo Mineração. O acordo de compra prevê o pagamento de US\$ 1 milhão, assim que a produção comercial for iniciada, e 2% de royalties (net smelter return) pagos ao fornecedor.

A Triumph disse acreditar que as condições de aquisição são muito favoráveis e permitem que a empresa concentre suas despesas no desenvolvimento dos ativos.

O projeto Arapuá é composto por oito licenças de exploração já concedidas, cobrindo uma área de 14.946 hectares. O projeto está dividido em três blocos, conhecidos como Arapuá, Pindaíbas e Maxixe.

No bloco Arapuá, amostras históricas apontaram teores que variam de 5% a 22,8% de pentóxido de fósforo (P₂O₅). No bloco Pindaíbas, os teores chegam a 23% de P₂O₅ e 7% de óxido de potássio (K₂O). A região é conhecida pelo afloramento de verdete.

O Projeto Arapuá encontra-se dentro de uma extensa área de derrames vulcânicos, com quantidades significativas de potássio, fósforo, cálcio, magnésio, entre outros elementos.

“O Brasil é uma das economias que mais crescem no mundo e é um país com enorme demanda por fertilizantes. O aumento do uso desse tipo de produto é vital para manter o status de gigante agrícola, que faz do Brasil o quarto maior consumidor de fertilizantes do mundo”, afirmou a Triumph em seu comunicado.

No dia 19 de agosto, a empresa informou aos acionistas que desistiu dos investimentos em Mianmar para privilegiar as atividades de exploração no Brasil. A decisão estratégica tinha sido levantada no relatório trimestral de junho. Em 2013, a Triumph fundiu-se com a Lotus Mining, com o objetivo de identificar oportunidades naquele país.

No Brasil, a Triumph já possui, por meio da Avenue Resources, projetos de estanho em Tocantins e Rondônia. A Avenue adquiriu a Triumph Tin em 2011 por meio de troca de ações. Os projetos em Rondônia vieram de um acordo que a Triumph tinha com a Lara Exploration.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

6-08/09/2014

ANTES COMBUSTÍVEL, CARVÃO MINERAL VIRA FERTILIZANTE

As companhias Transgas, americana, e ThyssenKrupp, alemã, estão trazendo ao Brasil uma nova tecnologia para a produção de fertilizantes a partir do carvão mineral.

A tecnologia extrai gás sintético, chamado de syngas, a partir do carvão. Desse gás, será possível produzir fertilizantes de amônia, como nitrato de amônia e ureia.

Victor Adam, presidente da Transgas, afirma que a tecnologia, além de limpa, abre uma nova fronteira para o gás no Brasil.

O país dispõe de poucas reservas de gás natural e importa parte da demanda.

No entanto, o custo de operação é considerado alto. Para cada milhão de BTUs (unidade térmica utilizada para medir a quantidade de gás), o país paga cerca de US\$ 11. A extração de gás do carvão mineral custa US\$ 1 por milhão de BTUs.

"Isso coloca o Brasil dentro de um seleto grupo de países que já iniciaram uma revolução na indústria carboquímica", afirma.

Michael Kaiser, vice-presidente da divisão de engenharia da Thyssen Krupp, que é dona da tecnologia, afirma que o gás natural tende a diminuir sua importância como combustível, devido às dificuldades de exploração e alto custo.

"Não é preciso buscar gás no pré-sal, estamos buscando no carvão que está a 30 metros de profundidade", diz Kaiser.

A nova unidade será instalada em Santa Catarina, onde estão as maiores reservas de carvão mineral no país.

Os executivos afirmam que o projeto consumirá US\$ 3 bilhões, nos primeiros quatro anos, o período de implantação da fábrica.

A expectativa das companhias é que o projeto comece a sair do papel em 2015.

Alta Demanda

A fábrica visa suprir uma deficiência brasileira, a da produção de fertilizantes.

Segundo dados da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), o país consome 31 milhões de toneladas de adubo em 2013. Deste total, 70% foram importados.

A expectativa da Transgas é produzir 2,1 milhões de toneladas de fertilizantes, 10 % do que foi importado no último ano.

A nova fábrica competirá com novas plantas da Petrobras na área de fertilizantes.

A estatal possui quatro projetos em execução nas cidades de Três Lagoas (MS), Uberaba (MG), Camaçari (BA) e Vitória (ES).

Apesar das novas unidades, Rafael Otto, doutor em ciências do solo pela USP, afirma que Brasil ainda vai continuar dependente das importações de fertilizantes em cerca de 30%.

Fonte: Folha de S. Paulo

7-08/09/2014

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE TRATAMENTO DE MINÉRIOS E METALURGIA EXTRATIVA



XXVI ENTMME
Encontro Nacional de Tratamento de Minérios e Metalurgia Extrativa

18 a 22 de outubro de 2014
No Palace Casino
Área de Caldas - MG

www.entmme.org

Os artigos publicados no ENTMME poderão ser submetidos às revistas *Journal of Materials Research and Technology* e *Tecnologia em Metalurgia, Materiais e Mineração*, da ABM. Os resumos devem ser enviados entre 01/09/2014 a 15/12/2014.

Patrocínio Diamante
VALE

Patrocínio Prata
metso CLARIANT
ALCCA

Apoio
IBRAM
CONVENTION

Mídia
MEI
mineral imine

Realização
Unifal

Assessoria

8-08/09/2014

IBRAM APRESENTA 24º WORLD MINING CONGRESS A PESQUISADORES

O Diretor de Assuntos Ambientais do **Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM – www.ibram.org.br)**, Rinaldo Mancin, esteve no CETEM, no dia 19 de agosto, para realizar uma apresentação aos pesquisadores da instituição sobre o 24º World Mining Congress (WMC). A 24ª edição do congresso será realizada na cidade do Rio de Janeiro, em outubro de 2016. A organização do evento está sendo realizada por um grupo de instituições lideradas pelo IBRAM.

O WMC é um evento de classe mundial, que é realizado há 60 anos, com os objetivos de promover e apoiar a cooperação técnico-científica, para o progresso nacional e internacional nas áreas de mineração de minerais sólidos e o desenvolvimento de recursos minerais naturais, além de promover uma troca mundial de informações no que diz respeito ao desenvolvimento da ciência, tecnologia e economia minerais, aspectos de saúde e segurança das operações de mineração e proteção ambiental.

A última edição foi realizada em Montreal, Canadá, em 2013. O evento foi organizado pela McGill University e contou com a participação das principais universidades do Canadá. O WMC 2013 foi realizado em conjunto com o ISARC 2013 - International Symposium on Automation and Robotics in the Construction and Mining Industries.

Fonte: CETEM - Centro de Tecnologia Mineral

9-08/09/2014

BRUMADINHO LIDERA RANKING DE RENDA

Do alto da encosta da Serra da Moeda, a visão que se tem de Brumadinho não deixa restar dúvidas de que a cidade nasceu em um lugar privilegiado pela natureza. As montanhas que cercam a região guardam um verde exuberante e uma fauna bastante diversificada. Mas, além disso, elas concentram também o minério de ferro que é responsável por quase toda riqueza produzida na cidade.

Dentro dos 642,03 quilômetros quadrados de território que fazem do município o quarto mais extenso do Estado, estão mineradoras como a Vale, MMX, Ferrous e Vallourec do Brasil, que têm contribuído para que os indicadores de desenvolvimento econômico locais alcancem níveis elevados.

Não por acaso, Brumadinho tem a terceira melhor colocação no Índice Mineiro de Responsabilidade Social (IMRS), elaborado pela Fundação João Pinheiro. Dentre todos os indicadores, o quesito renda é o mais alto, superando até o índice de Congonhas que é a segunda colocada no ranking geral.

Em 2013, a Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (Cfem) chegou a R\$ 50,6 milhões. Valor que tem permitido realizar e planejar várias obras de infraestrutura para a cidade. O secretário municipal de Fazenda, Geraldo Machado Rezende, avalia que Brumadinho já se tornou um polo na região do Vale do Médio-Paraopeba.

“A Cfem tem nos permitido construir novas escolas, aumentar a rede de esgoto e desenvolver o grande projeto da alça viária que vai ajudar a melhorar a mobilidade da cidade, retirando caminhões do fluxo de trânsito da região central”, diz.

As estimativas da prefeitura são de que a atividade mineral se prolongue por, no mínimo, mais quatro décadas. Tempo suficiente para que alternativas de arrecadação sejam elaboradas e colocadas em prática.

“Assim como a maioria das cidades mineradoras, nós somos dependentes da mineração, mas sabemos que precisamos fortalecer nosso turismo”, comenta Rezende. “Além disso, precisamos criar um polo industrial sólido. Isso é prioridade dentro das nossas metas futuras”, completa.

Transformações

Atualmente, 50% da arrecadação geral de Brumadinho vem da mineração. A maior mineradora atuante na cidade é a Vale. O complexo Paraobeba responde pelas operações de Belo Horizonte, Nova Lima e Sarzedo, contando com as minas Córrego do Feijão e Jangada, além do terminal ferroviário Alberto Flores. Ao todo, a empresa produziu, somente no primeiro semestre desse ano, 14,6 milhões de toneladas de minério de ferro.

Como contrapartida à atividade minerária, o município tem conseguido firmar ações de cooperação socioambiental junto às mineradoras. É o caso da pavimentação da estrada da Conquistinha, que liga a cidade à BR-381 e é bancada pela MMX. Há também projetos de drenagem pluvial realizados com a Mineração Ibirité e a revitalização de praças públicas, feitas em parceria com a Vale.

A empresa também mantém na cidade uma unidade da Estação Conhecimento, centro esportivo e educacional idealizado pela Fundação Vale dentro de Brumadinho. No complexo, 457 crianças e adolescentes do município têm acesso a uma infraestrutura de alto nível para o desenvolvimento de uma série de atividades que vão do atletismo às aulas de música. Tudo 100% gratuito.

Terceirizados movimentam a economia da cidade

O setor de exploração mineral não criou somente empregos diretos em Brumadinho, mas também uma enorme cadeia de serviços terceirizados que, hoje, ao lado do turismo, responde por quase toda economia local.

A gerente do Restaurante Fazendinha, Juciléia Araújo, comenta que, das 150 pessoas que passam todos os dias pelo estabelecimento, metade é de funcionários de empresas ligadas ao segmento minerador. “As firmas terceirizadas, que prestam serviços para Vale e Ferrous, por exemplo, estão sempre almoçando conosco. Muita gente da área de logística, do transporte de cargas”, comenta.

No principal supermercado da cidade, os reflexos positivos também já são notados. Prova disso é a nova unidade aberta num bairro próximo à região central, para atender ao crescimento da demanda.

“Muito da mão de obra utilizada pela empresas de mineração está dentro da cidade. Logo, isso reflete no nosso negócio”, comenta o gerente administrativo Wilson Maciel.

A demanda pelos equipamentos de proteção individual também trouxe resultados positivos para o gerente administrativo Tiago Pereira. No seu depósito, a procura das empresas superou as expectativas.

“Nosso carro-chefe aqui são as ferramentas, abrasivos os equipamentos de proteção individual. Mas os parafusos agora lideram as vendas. Há uma demanda muito grande da indústria mineral e das empresas menores que a atendem”, destaca.

Inhotim

Idealizado por um empresário da mineração – o proprietário da mineradora Itaminas, Bernardo Paz – centro de arte contemporânea e jardim botânico Instituto Inhotim é, também, outro potente incentivo para a economia de Brumadinho.

O espaço atrai, todos os anos, milhares de turistas do mundo inteiro e é responsável por projetar internacionalmente o nome da cidade. Hoje, as galerias do espaço já contam com mais de 240 obras.

Fonte: Hoje em Dia

10-08/09/2014

PRÊMIO BUSCA VALORIZAR AS MELHORES PRÁTICAS BRASILEIRAS
Iniciativa, promovida pelo IBRAM, por meio do Programa MINERAÇÃO, defende a redução dos índices de acidente no setor mineral

Estão abertas as inscrições para o Prêmio Melhores Práticas em Saúde e Segurança do Trabalho, promovido pelo **Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM – www.ibram.org.br)**, por meio do Programa **MINERAÇÃO**. A iniciativa, que está em sua segunda edição, busca contemplar e valorizar as mais importantes ações em SST desenvolvidas pelas mineradoras e demais empresas ligadas ao setor em todo o Brasil. As boas práticas adotadas devem ser enviadas até o dia 3 de outubro para a sede do Programa, em Belo Horizonte (Rua Alagoas, 1270 | conjunto 1001 – Funcionários – 30.130-160). Para participar, os interessados devem ser associados ao **MINERAÇÃO**.

O Prêmio Melhores Práticas em Saúde e Segurança do Trabalho será dividido em três categorias: Atendimento às emergências, Sistemas de Comunicação de SST eficazes utilizados nas operações de trabalho e Sistemas eficazes de capacitação de trabalhadores, e os cases serão classificados em Ouro, Prata e Bronze. Os vencedores serão anunciados no dia 12 de novembro, na página www.programamineracao.ibram.org.br, e a premiação acontecerá no dia 9 de dezembro, na sede da Federação das Indústrias de Minas Gerais (FIEMG), na capital mineira.

Para a coordenadora Cláudia Pellegrinelli, o Programa MINERAÇÃO representa a preocupação em garantir a integridade física dos trabalhadores de um setor que ainda está longe de alcançar a excelência quando o assunto é a segurança de seus funcionários. “Esta é uma das nossas principais metas: demonstrar a importância das boas práticas e reforçar a necessidade de desenvolver ações que alcancem o índice zero de acidentes”, explica.

Como participar

As empresas poderão inscrever um ou mais cases sobre práticas bem-sucedidas em SST. Deverá ser encaminhado, para o endereço acima citado, um envelope contendo:

- Três cópias impressas do case;
- Dois CD-ROM com arquivo digital do case;
- Uma cópia do formulário de inscrição devidamente preenchida e assinada;
- Declaração confirmando a ausência de acidente de trabalho com morte ou incapacidade total entre os trabalhadores da empresa;
- Opcionalmente, poderão também ser enviados no envelope duas cópias de DVDs, folders, cartazes, cartilhas e outros materiais que possam auxiliar na avaliação da proposta apresentada.

Importante mencionar que o mesmo case não poderá ser inscrito em mais de uma categoria, sob o risco de desclassificação. Caso a empresa tenha dúvida sobre o grupo no qual a ação se encaixa, um pequeno resumo, de até 20 linhas, poderá ser encaminhado para o e-mail programamineracao@ibram.org.br ou por fax, pelo número (31) 3223-6751.

Premiação

Os classificados em primeiro, segundo e terceiro lugar de todas as categorias receberão um troféu na solenidade de entrega do Prêmio. Um representante da empresa premiada em primeiro lugar, em cada um dos grupos, será convidado para apresentar o case vencedor durante o 16º Congresso Brasileiro de Mineração, que acontecerá durante a Exposibram 2015, a maior feira de mineração de toda a América Latina. Os cases premiados em segundo e terceiro lugar serão beneficiados pela elaboração de matéria jornalística, divulgada no site do Programa MINERAÇÃO e/ou outros meios de divulgação do IBRAM.

O Programa

O MINERAÇÃO – Programa Especial de Segurança e Saúde Ocupacional na Mineração é promovido pelo IBRAM - Instituto Brasileiro de Mineração e representa uma das mais importantes iniciativas brasileiras na área. O Prêmio Melhores Práticas em Saúde e Segurança do Trabalho, em sua segunda edição, tem como objetivo

reconhecer as melhores práticas adotadas pelas empresas e seus esforços na melhoria das condições de segurança no ambiente de trabalho dos brasileiros, além de divulgar para a sociedade ações bem-sucedidas na área de SST.

Mais informações estão disponíveis em www.programamineração.ibram.org.br.

Fonte: IBRAM – ETC Comunicação

11-09/09/2014

ONGs querem afastar relator do marco da mineração

Por Mariana Durão | Estadão Conteúdo

Organizações da sociedade civil entraram nesta segunda-feira, 8, com um mandado de segurança no Supremo Tribunal Federal (STF), pedindo o afastamento do deputado federal Leonardo Quintão (PMDB-MG) da relatoria do novo marco legal da mineração, em tramitação na Câmara.

O Comitê Nacional em Defesa dos Territórios frente à Mineração - que inclui Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), Instituto Socioambiental e Instituto de Estudos Socioeconômicos - alega quebra de decoro parlamentar. A acusação tem por base o fato de Quintão relatar um projeto que envolve interesses de empresas que financiaram sua campanha em 2010.

Dados levantados pelas entidades no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) mostram que em torno de 20% dos R\$ 2 milhões arrecadados pelo deputado foram doados por cinco grupos de metalurgia e mineração. A lista inclui ArcelorMittal Inox Brasil (R\$ 106 mil), Usiminas Mecânica (R\$ 70 mil) e Gerdau Comercial S/A (R\$ 74 mil). Procurada, a Gerdau disse que as doações respeitam rigorosamente a legislação. As demais citadas não comentaram.

O levantamento feito para a campanha à reeleição, em 2014, mostra como único financiador Rodrigo Quintão, irmão do deputado também ligado ao setor, por meio das empresas Itazul e Minerio-Metalurgia Sabinopolis.

Código

Segundo as organizações, o Código de Ética da Câmara considera que fere o decoro parlamentar aquele que relatar assunto "de interesse específico de pessoa física ou jurídica que tenha contribuído para o financiamento de sua campanha eleitoral". Antes de recorrer ao STF, as entidades encaminharam em maio uma representação à Mesa da

Câmara, pedindo a destituição do relator. O pedido foi arquivado pelo presidente, Henrique Alves (PMDB-RN), alegando que o projeto trata de regras gerais, aplicáveis a todas as empresas que atuam no setor e não ao interesse de alguma em especial.

O pesquisador do Ibase Carlos Bittencourt diz que o novo marco regulatório não contempla garantias aos direitos das populações afetadas por grandes projetos, proteção ambiental e direitos de trabalhadores da mineração, retrocedendo até em relação ao código em vigor, de 1967. Para ele, a proposta encaminhada há um ano pelo governo já era ruim, mas ficou ainda pior com as mudanças sugeridas sob a liderança de Quintão e após críticas da indústria.

Ele menciona mecanismos que mantêm o direito de prioridade, que prevê a exploração pela empresa que realizar uma pesquisa mineral. O projeto original previa licitação.

Por meio de sua assessoria, o deputado Leonardo Quintão afirmou que ainda não teve acesso ao mandado de segurança e, por isso, não faria comentários. As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

12-09/09/2014

ABB fecha contrato de US\$ 103 mi com Vale para automação em Carajás

Por Stella Fontes | Valor

SÃO PAULO - A suíça ABB informou nesta terça-feira que firmou um contrato com a Vale, de US\$ 103 milhões, para instalação de sistemas elétricos e de automação da mina de ferro da companhia brasileira em Carajás, no Pará, como parte de um projeto de expansão. Esse novo acordo se segue a um firmado anteriormente, de US\$ 140 milhões, que abrangeu a unidade de separação do minério de ferro.

O contrato prevê o fornecimento de uma subestação de 230 kV para conectar a mina à rede elétrica e 42 subestações secundárias. A ABB também fornecerá os motores que acionam as correias transportadoras da mina.

Em nota, o executivo responsável pela divisão de automação de processos da ABB, Veli-Matti Reinikkala, destacou a parceria de mais de dez anos com a Vale e afirmou que o projeto “pioneiro” estabelece “um novo padrão de produtividade, sustentabilidade e segurança”.

13-09/09/2014

Minério interrompe série de quedas

Por Olivia Alonso | De São Paulo

O preço do minério de ferro ficou ontem em US\$ 83,60 por tonelada no mercado à vista da China, interrompendo uma sequência de cinco quedas seguidas que levaram a

cotação ao menor patamar desde 24 de setembro de 2009 e a uma desvalorização de 38% neste ano.

Entre as principais notícias que contribuíram para o sentimento negativo em relação ao minério de ferro, ontem, destacou-se o resultado das importações chinesas em agosto. O país comprou 74,88 milhões de toneladas do exterior no oitavo mês do ano, 9,3% menos do que em julho. De janeiro a agosto, foram importadas 614,4 milhões de toneladas, aumento de 16,9% em relação ao volume dos oito primeiros meses de 2013.

A analista Melinda Moore, do Standard Bank, disse em relatório que a queda das compras de minério em relação a julho são em parte decorrentes de manutenções portuárias de importantes fornecedores da commodity, o que levou a uma forte queda dos desembarques na China na primeira semana de agosto. Mas também teve impacto no resultado a redução dos embarques de alguns produtores pequenos de minério que passaram a ter baixos retornos de suas operações com o preço menor.

Na opinião da analista, os embarques brasileiros de minério de ferro para a China devem vir maiores em setembro, superando o volume de agosto.

Analistas do BTG Pactual afirmaram ontem, em comentário sobre o setor, que os resultados de comércio externo na China, de uma forma geral, levantam preocupações sobre a atividade do país e sobre o mercado de minério de ferro. As importações caíram 2,4% em agosto, na comparação com o mesmo mês do ano passado.

A trajetória de queda do preço do minério de ferro neste ano derrubou o preço médio da commodity em 21%, para US\$ 106,4 por tonelada, ante US\$ 135 por tonelada no ano passado.

Os analistas do BTG reafirmam ontem sua projeção de preço da matéria-prima do aço entre US\$ 90 e US\$ 95 por tonelada no segundo semestre deste ano e de US\$ 95 por tonelada em 2015.

Os especialistas reafirmam a recomendação neutra para a Vale, uma das principais exportadoras globais de minério de ferro para a China, e destacam o aumento da capacidade mundial de produção da commodity. O banco explicou que a recomendação "neutra" para as ações, considera os múltiplos que estima para a empresa e riscos regulatórios.

Tomando por base os dados divulgados até agosto, o banco estima que a China importará 900 milhões de toneladas de minério de ferro em 2014, acima da previsão inicial do próprio BTG, de 875 milhões de toneladas.

Os analistas lembram que o aumento da oferta de minério de ferro continua a pressionar os preços no mercado à vista chinês. E acrescentam que um risco para os fundamentos do minério continua a ser o mercado de aço, que pode ser avaliado pelo resultado das

exportações chinesas. A maior parte da produção siderúrgica da China foi destinada às exportações neste ano, afirmam.

Outro mercado de destaque ontem foi o de níquel. Caso o governo das Filipinas restrinja a exportação de laterita de níquel, a exemplo do que fez a Indonésia no início deste ano, a decisão pode favorecer a Vale. O BTG Pactual afirma que, apesar de ainda ser cedo para afirmar que o país realmente tomará a medida, um movimento nesse sentido poderia reduzir ainda mais a oferta de níquel no mercado, além de levar a cortes da produção chinesa de ferro gusa de níquel.

"A Vale continua a ser um dos maiores produtores de níquel no mundo, e pode se beneficiar da força de preços do produto daqui para frente", afirmou o banco, em relatório.

Desde que a Indonésia parou de exportar os minérios de níquel, o preço do metal disparou na bolsa de Londres (LME) e as Filipinas ganharam espaço no fornecimento de laterita para a China. Neste ano, acumula alta de aproximadamente 35%.

O BTG estima que a divisão de níquel da Vale vá gerar um Ebitda de US\$ 3,9 bilhões no ano que vem. A cada aumento de US\$ 0,10 por libra peso no preço do metal, o Ebitda consolidado da mineradora brasileira sobe 0,5%, segundo os cálculos do banco.

O BTG mantém sua projeção de um Ebitda de US\$ 14,9 bilhões para a Vale em 2015.

14-09/09/2014

CRUSADER TEM RECEITA DE US\$ 11 MI COM MINÉRIO DE FERRO NO 1º SEMESTRE

A Crusader Resources registrou receita de US\$ 10,976 milhões no primeiro semestre de 2014, com a venda de minério de ferro granulado da mina Posse, em Caeté (MG). O valor é mais de cinco vezes superior em relação ao mesmo período de 2013, quando a mineradora teve receita de US\$ 2,011 milhões.

Foram vendidas 141.286 toneladas de minério de ferro granulado (lump) de janeiro a junho de 2014 na mina Posse. "Os preços de venda para produtos lump permaneceram estáveis durante o tempo de vida útil da mina até o momento", disse a Crusader em comunicado enviado ontem (8) ao mercado.

O lucro bruto da Crusader nos seis primeiros meses de 2014 foi de US\$ 5,924 milhões, quase seis vezes superior aos US\$ 998,5 mil do mesmo período no ano passado. O lucro antes das despesas (exploração e avaliação, entre outros) foi de US\$ 2,095 milhões no primeiro semestre de 2014. No mesmo período do ano passado, a Crusader teve prejuízo de US\$ 3,496 milhões.

A mineradora teve um custo com as vendas de US\$ 5,051 milhões nos seis primeiros meses deste ano. No primeiro semestre de 2013, a Crusader teve um custo com vendas de US\$ 1,012 milhão, 400% menor, mas com receita de US\$ 2,011 milhões.

A Crusader informou que deve completar no início de 2015 o estudo de viabilidade do projeto de ouro Borborema, no Rio Grande do Norte. Segundo a mineradora, a equipe de exploração continua a avaliar novas oportunidades na região.

Quanto ao projeto de ouro Juruena, em Mato Grosso, a Crusader disse que vai explorar “agressivamente” o site nos próximos seis meses, visando um recurso inicial de alto teor para contribuir com um potencial a curto prazo. A expectativa da Crusader é uma operação de baixa intensidade de capital.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

15-09/09/2014

AVANCO É A JÚNIOR AUSTRALIANA COM MAIOR POTENCIAL, DIZ FINANCISTA

O gestor de fundos da BlackRock, Evy Hambro, afirmou na última segunda-feira (08/09) que a Avanco Resources é a empresa que mais tem se destacado entre as mineradoras juniores listadas na Bolsa de Valores da Austrália (ASX). No Brasil, a Avanco possui os projetos de ouro e cobre Antas North, Rio Verde e Pedra Branca, todos localizados na província mineral de Carajás, no Pará.

"A mais recente transação de royalties que fizemos foi com a Avanco. É uma mineradora de muito, muito potencial", afirmou Hambro, que administra os maiores fundos de mineração do mundo, com mais de US\$ 20 bilhões sob sua gestão.

Segundo o gestor, a Avanco vem se destacando com o projeto Antas North, um depósito de cobre e ouro em Carajás, região no Pará conhecida pela exploração de minério de ferro. A construção do projeto deverá custar cerca de US\$ 70 milhões e a previsão é que, aproximadamente, 12 mil toneladas de cobre e 7 mil onças de ouro sejam produzidas por ano.

A expectativa da mineradora é que o projeto entre em operação no próximo ano. A segunda etapa de Antas North pode mais que dobrar a taxa de produção, a baixos custos.

O acordo entre a Avanco e a BlackRock, finalizado em julho deste ano, prevê que a BlackRock entre com US\$ 12 milhões de investimento lastreados por Net Smelter Return(NSR), com pagamento de royalties de 2% para cobre, 25% para ouro e 2% para outros metais que serão produzidos nas áreas licenciadas para a fase 1 e em Pedra Branca, ou fase 2. Caso sejam feitas outras descobertas nas áreas desses projetos, os royalties serão de 2%.

De acordo com o jornal australiano Brisbane Times, não é a primeira vez que Hambro trabalha com esse tipo de acordo. O gestor fez um negócio similar com a London Mining, que exporta minério de ferro de Serra Leoa, na África.

Segundo Hambro, a Avanco é uma empresa bem gerida e está próxima de se tornar efetivamente uma produtora. “A Avanco está passando de empresa de exploração para empresa de desenvolvimento e deve se tornar uma produtora de cobre nos próximos 12 meses, uma expectativa muito motivante para eles [a Avanco]”, disse o gestor.

A diretoria executiva da Avanco no Brasil também parece estar bem preparada para a transição. O diretor administrativo, Tony Polglase, e o presidente do Conselho de Administração, Colin Jones, possuem fluência em português. Jones tem décadas de experiência na área, tendo prestado consultorias para empresas como a Vale.

No fim de julho, a Avanco afirmou, em seu relatório trimestral, que o projeto Antas North tinha nova estimativa de recursos minerais. A mineradora reduziu os recursos inferidos e apresentou recursos medidos e indicados de 4,1 milhões de toneladas de minério com 2,85% de cobre e 0,60 grama por tonelada de ouro. Esse volume tem 117 mil toneladas de cobre contido e 79 mil onças de ouro.

No mesmo relatório, a mineradora informou que empresa responsável pela engenharia e desenvolvimento da planta e da infraestrutura do projeto é a Onix Engenharia, de Belo Horizonte, e disse ainda que todas as aprovações ambientais necessárias para a concessão de lavra de Antas North foram garantidas. Na época, a Avanco afirmou que espera receber a concessão no próximo trimestre. As informações são do jornal Brisbane Times.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

16-09/09/2014

OUTOTEC MINISTRA CURSO DE AGLOMERAÇÃO

O 2º Simpósio de Aglomeração de Minério de Ferro será realizado junto com o 44º Seminário de Redução de Minério de Ferro e Matérias-primas, ambos organizados pela ABM (Associação Brasileira de Metalurgia, Materiais e Mineração), em Belo Horizonte entre os dias 15 e 18 de setembro.

O curso "State of the Art Agglomeration Technologies: Sintering and Pelletizing - from run-of-mine ore to agglomerate" abordará as tendências tecnológicas para a sinterização e pelletização. Os temas serão ministrados por especialistas estrangeiros da Outotec que estarão no país especialmente para o evento. Na programação também estão previstos cinco estudos de casos, incluindo o estudo sobre o Comissionamento da 4ª Planta de Pelotização da Samarco, a maior do seu tipo no mundo.

As inscrições para o curso e para o seminário já estão abertas e podem ser feitas através do site da ABM.

Para mais informações sobre o evento acesse: <http://zip.net/bkpwsv>

Fonte: Assessoria Outotec

17-09/09/2014

LIVRO DO CETEM APRESENTA SOLUÇÕES INOVADORAS

“Tecnologia de Rochas Ornamentais- Pesquisa, Lavra e Beneficiamento” é a nova contribuição editorial do Centro de Tecnologia Mineral (Cetem/MCTI) dirigida ao setor mineral brasileiro. O livro do Cetem, em parceria com a Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação (SGM/MME), destaca, em 11 capítulos, o uso sustentável das rochas ornamentais; granitos e mármore, apresenta o estado da arte da tecnologia aplicável ao segmento e identifica soluções inovadoras para capacitar o desempenho técnico, econômico e socioambiental do setor.

A atividade de rochas no país movimenta anualmente US\$ 1bilhão, produz 9 milhões de toneladas/ano e é responsável por 120 mil empregos diretos e 360 mil indiretos. A cadeia produtiva do setor é composta por 10 mil empresas, na sua maioria de portes pequeno e médio. A publicação, editada pelos pesquisadores Francisco Holanda, Hélio Azevedo e Núria Castro, cumpre a missão institucional do Centro de promover o conhecimento e o desenvolvimento tecnológico dos recursos minerais brasileiros.

Fonte: CTEM

18-09/09/2014

SAFM AUMENTA EM 34% RECURSOS DE PROJETO DE MINÉRIO DE FERRO EM MG

A South American Ferro Metals (SAFM) afirmou na última segunda-feira (08/09) que aumentou em 34% os recursos do projeto de minério de ferro Ponto Verde, passando de 301,1 milhões de toneladas para 403,71 milhões de toneladas de minério. Os novos números estão de acordo com o código Jorc (Joint Ore Reserves Committee). O projeto está localizado no município de Itabirito (MG).

De acordo com comunicado ao mercado da última segunda-feira (08/09), dos 403,1 milhões de toneladas de recursos, 241,6 milhões de toneladas foram classificadas como medidas e indicadas, e os restantes 162,1 milhões de toneladas são de recursos inferidos.

A mineradora afirmou que os recursos adicionais foram verificados por meio de sondagem adamantada de 12 furos e 162 amostras, obtidas em 584,5 metros de trincheiras, que confirmaram a continuidade da mineralização.

A maior parte dos recursos atualizados foram calculados em uma profundidade média de 70 metros da superfície, mas, segundo a SAFM, a mineralização se estende a mais de 320 metros de profundidade. Com base nessas informações, a mineradora planeja agora um novo programa de sondagem que visa aumentar o tamanho do depósito.

De acordo com o CEO da SAFM, Stephen Turner, o Conselho de Administração da empresa está satisfeito com os últimos resultados e o aumento de 34% dos recursos. “A ampliação dos recursos de Ponto Verde sustenta os planos de expansão da SAFM”, disse Turner.

Em julho deste ano, a SAFM assinou um Memorando de Entendimento (MoU), de natureza não vinculante, para permitir a lavra em uma propriedade adjacente ao projeto Ponto Verde. Segundo o documento, caso o acordo se concretize, a SAFM poderá explorar o lado leste da propriedade Sapecado Sul, que fica próxima à mina Ponto Verde. O MoU permite que a empresa use os levantamentos de sondagem feitos na propriedade, a fim de expandir a área de seu projeto.

Toda a produção da SAFM é negociada com produtores locais. A empresa tem acordos de compra e venda de minérios com a Vale e com a CSN, por meio da Namisa, que cobrem cerca de 75% da sua produção total. A companhia australiana tem baixo custo de produção, com uma média de US\$ 21 por tonelada.

A SAFM detém 100% dos direitos da mina Ponto Verde, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, dentro do quadrilátero ferrífero, em Minas Gerais.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

19-10/09/2014

Diamante de 232 quilates é descoberto na África do Sul



Um diamante de 232,08 quilates, 'de tamanho e clareza excepcionais', foi descoberto em uma mina sul-africana próxima a Pretória, particularmente rica em grandes diamantes, anunciou nesta terça-feira o proprietário da companhia.

Com sede em Londres, Petra Diamonds, que possui a mina em questão desde 2008, não forneceu o valor exato da pedra preciosa que entra na categoria "D Tipo II", isto é, transparente ou incolor e sem impureza mensurável.

O último diamante branco vendido pela empresa, pesando 507,3 quilates, alcançou o preço recorde de 35,3 milhões de dólares em 2010, segundo uma porta-voz da Petra Diamonds, Cathy Malins.

De acordo com ela, especialistas vão avaliar o novo diamante que deve valer entre 10 e 20 milhões de dólares seguindo os preços alcançados nos últimos anos. A venda será realizada até o final do ano.

Em junho, a empresa anunciou um outro achado raro, um diamante azul de 122,52 quilates, na mesma mina, localizada a cerca de 40 km da capital sul-africana.

Em 1905, o maior diamante do mundo - o "Cullinan" de 3.106 quilates - também foi descoberto na mina e, posteriormente, cortado ao meio para ser integrado às joias da coroa britânica.

20-10/09/2014

Americanos dão o primeiro passo para o controle dos bens minerais no espaço

Afinal, os asteroides e os recursos minerais espaciais são dos americanos, dos chineses, dos russos ou da humanidade? Para dois membros do Congresso Americano esta resposta já está equacionada. Eles estão introduzindo o Asteroids Act uma legislação que visa proteger as empresas americanas que forem lavrar os asteroides.

A lei vai promover o uso comercial dos asteroides nos Estados Unidos dando à Administração Federal da Aviação (FAA) os poderes para facilitar a exploração, desencorajar barreiras governamentais (dos outros governos), alinhar as regras àquelas existentes nos Estados Unidos e promover o “direito” de empresas comerciais americanas de explorar, transferir e até vender os recursos.

Em suma, com o Asteroids Act os americanos estão se apossando, sem nenhuma cerimônia ou consulta, de um dos patrimônios da humanidade. Desde quando eles têm essa prerrogativa? A arrogância dos americanos só perde para a sua imensa ingenuidade.

Segundo eles, no item 7 (Property Rights), todos os recursos auferidos no espaço sideral (observe que não é só nos asteroides) são de propriedade da entidade que encontrar os referidos recursos. Como os projetos americanos estão mais desenvolvidos que os do resto do mundo eles querem com isso, simplesmente se apoderar de todo o bem mineral encontrado no espaço.

Fonte: www.geologo.com.br

21-10/09/2014

Oficina de trabalho discute limites de uso de elementos tóxicos dos remineralizadores

Oficina de trabalho discute limites de uso de elementos tóxicos dos remineralizadores

O Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) participou na terça-feira, 2 de setembro, no Ministério de Minas e Energia, da oficina de trabalho para normatização do uso de remineralizadores na agricultura que contou com diversos especialistas no assunto.

O objetivo da oficina foi apresentar e discutir uma proposta que contém limites para os elementos potencialmente tóxicos dos pós de rocha, a fim de embasar uma instrução normativa a ser publicada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

A exploração da rocha para uso em rochagem ou até mesmo do rejeito, exige do minerador a observância ao Código de Mineração, aprovado pelo Decreto-Lei nº 227, de 1967, e o DNPM espera com isso apoiar essa inovadora técnica e contribuir com seu uso. A autarquia tem participado do grupo de trabalho para normatização dos pós de rocha e já aprovou alguns processos minerários que farão uso de rochagem.

Os remineralizadores (pós de rocha ou rochagem) são materiais de origem mineral, que quando aplicados no solo possibilitam um ganho de fertilidade, pois oferecem macro e micronutrientes para as plantas. Eles foram incluídos na Lei nº 12.890, de 2013, sendo o próximo passo a regulamentação via Decreto e Instruções Normativas do Mapa. O Brasil é referência mundial na técnica da rochagem, já tendo realizado dois congressos nacionais, em 2009 e em 2013.

O grupo de trabalho de normatização do uso de pós de rocha na agricultura para elementos potencialmente tóxicos é composto pelo DNPM, Ministério de Minas e Energia, Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), além de parceiros como Embrapa Cerrados, Petrobras, Serviço Geológico do Brasil e a Universidade de Brasília.

Fonte: DNPM – Assessoria de Comunicação Social

22-10/09/2014

Preço do minério ameaça projetos

Por Fernanda Guimarães | Estadão

Os projetos de expansão de capacidade de minério de ferro das siderúrgicas brasileiras poderão ser colocados na gaveta diante do baixo patamar do preço da matéria-prima, que alcançou a mínima em cinco anos. A commodity encerrou o dia a US\$ 83,60 a tonelada no mercado à vista chinês. No acumulado do ano, o minério já perdeu quase 40% de seu valor, o que poderá frear projetos de grandes indústrias, como Gerdau, Usiminas e Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), que têm nos planos elevar a produção do insumo.

A Usiminas, por exemplo, finalizou seu projeto Friáveis, para aumentar a produção de 8 milhões para 12 milhões de toneladas de minério de ferro. A companhia pretende submeter ao seu conselho de administração no primeiro semestre de 2015, o projeto Compactos, que poderá aumentar a capacidade para 29 milhões de toneladas de minério de ferro/ano.

Já a Gerdau projeta uma capacidade de 18 milhões de toneladas em 2016 e de 24 milhões de toneladas em 2020, em comparação a 11,5 milhões de toneladas atuais. Até maio deste ano, a divisão de mineração já havia recebido investimentos de R\$ 1 bilhão, segundo a empresa.

Tanto Gerdau quanto Usiminas anunciaram foco em mineração em um momento que se discutir a verticalização (integração da produção com o fornecimento de matéria-prima) era estratégia para manter competitividade, já que o minério estava com preços valorizados e não ser autossuficiente poderia significar ficar atrás dos concorrentes.

Com o valor do minério de ferro próximo de US\$ 90 a tonelada, ou até menos, a percepção do banco BTG Pactual é de que a expansão de projetos de Usiminas e Gerdau dificilmente irá para frente. "Calculamos que esses projetos poderiam gerar uma taxa interna de retorno bem abaixo de 10% (em dólar)", dizem Leonardo Correa e Caio Ribeiro, em relatório. Os analistas dizem que o adiamento ou cancelamento da expansão dos projetos da Usiminas seriam bem recebidos.

Recuo

Segundo um analista financeiro, que pediu para não ser identificado, o movimento natural é que as siderúrgicas recuem, ao menos por enquanto, em sua intenção de aumentar a produção e que qualquer sinalização contrária não seria bem recebida. O analista lembrou, ainda, que a Gerdau já reduziu seus investimentos previstos para este ano e que a Usiminas já vem adiando sua decisão em relação ao seu aumento da capacidade de minério. Em julho, a Gerdau anunciou a diminuição de seu programa de investimentos para este ano de R\$ 2,9 bilhões para R\$ 2,4 bilhões.

A CSN, por sua vez, depois de não alcançar o aumento de produção que vinha sendo prometido, passou a expandir seus volumes neste ano, exatamente no momento em que o preço do minério de ferro passou a cair. A projeção da empresa é de que a capacidade de produção da mina Casa de Pedra atinja 40 milhões de toneladas no próximo ano, em comparação aos 24 milhões de toneladas atuais.

"Estimamos o custo caixa da CSN (pela base CIF, custo seguro e frete) em aproximadamente US\$ 55 a tonelada. Assim, a CSN poderia continuar operando com lucro com o minério de ferro em US\$ 80 a tonelada, no entanto gerando fluxo livre de caixa (FCF, na sigla em inglês) negativo (R\$ 1 bilhão) e a alavancagem continuaria a subir (acima de 3,5 vezes a dívida líquida sobre o Ebitda)", dizem os analistas do BTG, no documento.

Além de retirar a atratividade dos projetos, o preço corrente do minério de ferro poderá tornar pouco lucrativa a exportação do insumo pelas usinas. "As companhias gastam algo em torno de US\$ 32 a tonelada para colocarem o minério em um navio no litoral brasileiro, mais US\$ 24 a tonelada pelo frete marítimo. Nossa análise indica que Usiminas/Gerdau/CSN deverão gerar perdas exportando minério de ferro nos atuais preços", diz relatório do Goldman Sachs, assinado pelos analistas Marcelo Aguiar, Humberto Meireles e Diogo Miura.

Já os analistas do BTG Pactual citam que a indicação é de que no atual preço do minério, as operações dessa divisão da Usiminas e Gerdau estão se aproximando de margens muito estreitas, com o Ebitda por tonelada beirando zero. "Com os preços atuais é praticamente inviável vender no mercado transoceânico com rentabilidade e as vendas ao mercado doméstico são mais competitivas. Assim, poderemos ter uma modesta redução das exportações", afirmam.

Procuradas, a Usiminas disse que não teria porta-voz disponível para comentar o assunto, enquanto CSN e Gerdau não comentaram o assunto.

As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

23-10/09/2014

Vale deverá investir US\$11,5 bilhões na logística do S11D

O novo projeto de ferro da Vale o S11D, ex- Serra Sul, que irá produzir 90 milhões de toneladas por ano de minério de ferro, receberá um CAPEX de US\$19 bilhões. Sessenta por cento desse CAPEX será investido em ferrovias, terminais portuários e ferroviários e terminal marítimo. Ou seja o maior investimento do projeto será destinado à ampliação da capacidade logística da mineradora.

É o Custo Brasil, uma praga que nos persegue e que os sucessivos governos prometem, mas não conseguem erradicar. Custo que praticamente não existe em países desenvolvidos onde a infraestrutura, as ferrovias e portos estão instalados e em pleno funcionamento.

Fonte: www.geologo.com.br

24-10/09/2014

SANTA CATARINA EMPREGA 80% DA MÃO DE OBRA DE CARVÃO MINERAL DO BRASIL

As minas de carvão mineral de Santa Catarina empregam 80% da mão de obra nacional para o segmento. Dos 5.296 do efetivo nacional, 4.196 trabalham nas minas do Sul do Estado, um aumento de 2% em relação ao número de empregados em 2012, segundo a Associação Brasileira do Carvão Mineral (ABCM).]

No total, são 10 mineradoras instaladas na região, que produzem a metade do volume total de carvão mineral do país. A profundidade das minas de carvão mineral em Santa Catarina varia de 60 a 300 metros. A Mina 101, em Içara, é considerada uma das mais modernas do país. O minério é exportado para o Complexo Termoelétrico Jorge Lacerda.

O carvão tem 99% de sua produção destinada para a geração de energia. Segundo o presidente da ABCM, Fernando Zancan, a falta de água no sistema de termelétrica levou a indústria a aumentar a produção nos últimos anos. Em 2013, as empresas do segmento registraram o primeiro recorde de produção desde o fim dos anos 1980.

A extração de carvão mineral é regida, atualmente, por uma norma específica e, a cada seis meses, as mineradoras são fiscalizadas pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). O Ministério Público do Trabalho recebe os relatórios e, caso necessário, firma Termos de Ajuste de Conduta (TAC) com as mineradoras.

As cidades de Criciúma, Forquilha, Içara, Lauro Müller, Siderópolis e Treviso compõem a região carbonífera catarinense. Com informações do Diário Catarinense.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

25-10/09/2014

Setor privado se antecipa e lança as bases para acordo Brasil-Japão

Por Daniel Rittner | De Brasília

Os empresários do Brasil e do Japão decidiram se antecipar à máquina pública e vão trabalhar, de forma inédita e antes mesmo de qualquer iniciativa governamental, nas bases de um tratado de livre comércio entre os dois países.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) e a Nippon Keidanren, maior entidade empresarial japonesa, assinaram ontem um acordo de cooperação no qual se comprometem, em um prazo de 12 meses, a analisar conjuntamente os impactos de uma eventual liberalização comercial. O escopo dos estudos que serão feitos pelo setor

privado inclui outras vertentes: serviços, investimentos, propriedade intelectual, barreiras técnicas e facilitação de vistos de viagem.

A ideia dos empresários é entregar os resultados aos dois governos, com a identificação de setores e produtos que podem ser cobertos pela liberalização comercial, facilitando o lançamento de negociações formais. Além do estudo, serão preparadas recomendações sobre possíveis medidas e ações fora do âmbito de um tratado de livre comércio, como um acordo capaz de eliminar barreiras sanitárias e fitossanitárias.

"Brasil e Japão são parceiros tradicionais, mas precisamos explorar novas complementariedades", diz o diretor de desenvolvimento industrial da CNI, Carlos Abijaodi. "O contexto mudou e precisamos de novas iniciativas para estreitar as relações entre os dois países", acrescenta o empresário, que participa da 17ª reunião do comitê bilateral de cooperação econômica, em Tóquio.

De acordo com a CNI, tomar a dianteira e preparar o terreno para negociações comerciais entre governos é algo relativamente comum em países desenvolvidos, mas que acontece pela primeira vez no caso do Brasil.

Negociadores brasileiros veem com ceticismo a perspectiva de desdobramentos favoráveis no curto prazo. O Brasil, conforme lembram, só discute acordos comerciais junto com os demais sócios do Mercosul. E a maioria dos países ricos demonstra baixa disposição, segundo admitem reservadamente esses negociadores, em abrir novas discussões com o bloco sul-americano como um todo - reflexo, em boa medida, da perda de credibilidade da Argentina no cenário internacional. O temor de muitos países é entrar em frentes de negociação que se arrastem durante anos, sem resultados concretos, como nas conversas entre o Mercosul e a União Europeia.

Apesar de ter registrado picos em alguns anos, o comércio bilateral entrou em trajetória de relativa estagnação. Mesmo assim, o Japão ocupa a quinta posição entre os principais destinos das exportações brasileiras, que se concentram em produtos básicos: minério de ferro, milho em grãos e café cru. Na mão contrária, o Japão é o sétimo colocado entre os maiores fornecedores brasileiros, com destaque para bens industrializados - como automóveis, autopeças, motores para veículos, circuitos integrados e microconjuntos eletrônicos. Os manufaturados representam 99% do total.

Por outro lado, empresas japonesas investiram US\$ 2,5 bilhões no Brasil só em 2013 e continuam na lista dos dez primeiros investidores. Fábricas da Toyota, Honda, Mitsubishi, Brasil Kirin, Cenibra, Ajinomoto, Panasonic e Toshiba são alguns exemplos.

Há casos ainda de atuação conjunta entre multinacionais, como a joint venture entre Mitsui e empresas controladas pela Vale para a exploração mineral, na Austrália.

26-10/09/2014

Com ouro não se brinca

Por Beatriz Cutait e Sérgio Tauhata | De São Paulo

Apesar de ser um dos gêneros de ativos mais antigos do mundo - há registros de joias feitas em ouro com mais de 6,2 mil anos de idade, encontradas em Varna, na Bulgária -, o metal precioso entra na categoria dos investimentos mais imprevisíveis da atualidade. Após amargar uma queda de quase 28% em 2013, o ouro ensaiou uma recuperação no início do ano. Chegou a subir 10,40% em Nova York entre janeiro e fevereiro de 2014. Mas voltou à situação que tem marcado a cotação do metal desde o fim de 2012: a forte volatilidade.

Neste ano até 8 de setembro, o saldo da cotação da onça-troy (equivalente a 31,1 gramas) nos EUA é positivo em 4,48%. Mas o resultado veio às custas de muita oscilação. Após fevereiro, o grama do ouro variou entre um pico de 6,12% ocorrido em junho a uma queda de 3,37% no mês seguinte, intercalados por momentos de intensa oscilação. No Brasil, o metal segue impactado também pela desvalorização do dólar. No acumulado do ano até 8 de setembro, a cotação do ouro na BM&FBovespa registra ganho de apenas 0,88%. Os contratos de ouro negociados na BM&F (o lote-padrão é de 250 gramas) são denominados em real, apesar de o metal acompanhar a cotação lá fora.

Segundo especialistas, o preço do metal tem oscilado ao sabor das tensões internacionais, especialmente entre Rússia e Ucrânia, e das expectativas sobre o ritmo de alta dos juros nos EUA, a fraqueza da economia europeia e a implementação do programa de estímulo monetário na zona do euro. Gestores defendem que, devido às suas características, o ouro deve ser incluído com parcimônia nos portfólios, mais como reserva de valor e blindagem contra situações de crise grave. "Não é um investimento para se ganhar dinheiro. É para proteger ou diversificar a carteira e isso para quem tem muitos recursos", afirma Sandra Blanco, consultora de investimentos da Órama, casa responsável por um dos únicos fundos com foco no metal precioso disponíveis no país.

Para o sócio-diretor da Tática Ouro, Ernesto Rahmani, no início de 2014 o mercado corrigiu parcialmente o movimento de queda ocorrido em 2013, que teve como grande fator de influência a liquidação de ETFs lastreados em ouro nos EUA. No ano passado, os fundos se desfizeram de 31,8% das reservas físicas do metal e provocaram o forte recuo das cotações no período.

No primeiro semestre deste ano, três elementos sustentaram o preço do ouro, segundo Luiz Eduardo Portella, sócio-gestor do Modal Asset Management: a decepção com o crescimento dos Estados Unidos no primeiro trimestre, que empurrou a expectativa de alta de juros mais para frente, o ambiente geopolítico, com as tensões entre Rússia e Ucrânia, que despertam preocupações sobre uma guerra (territorial e comercial), e o fraco crescimento europeu. "O ouro acaba sendo uma alternativa quando as pessoas

pensam em desastre, como ocorreu em 2008", afirma Richard Ziliotto, sócio da gestora de patrimônio Taler.

Portella alerta que a dinâmica de recuperação parcial do ouro neste ano deve ser revertida. O sócio-gestor do Modal enxerga o metal retomando a cotação de US\$ 1.000,00 até metade de 2015. "Vamos fazer apostas nessa direção", afirma. A gestora tem usado opções para apostar na baixa da cotação do metal e se proteger do movimento projetado.

Ainda que no momento o fator geopolítico ajude a segurar a cotação do ouro, o sócio do Modal trabalha com um cenário de diminuição das tensões, levando a commodity a zerar os ganhos de 2014 até dezembro. A queda deve se acentuar, destaca o gestor, diante da expansão da economia americana no segundo trimestre e da expectativa de que o banco central do país (Fed) deve assumir uma postura mais "hawkish" (conservadora, a favor de uma política mais apertada) até o fim do ano. "E uma economia em retomada é uma má notícia para ativos que funcionam como proteção para períodos de turbulência, caso do ouro", diz.

Portella pondera, no entanto, que a demanda física por ouro estabelece uma espécie de piso para a cotação. O suporte assegurado pelo consumo se situaria hoje justamente nesse patamar de US\$ 1.000,00 a onça-troy.

A tendência de baixa pode ter se consolidado neste mês, após o corte de juros e o anúncio da etapa inicial de um afrouxamento quantitativo (QE) feito pelo Banco Central Europeu (BCE), em 4 de setembro. Com o programa, a instituição se comprometeu a realizar compras de ativos do setor privado e de "covered bonds", títulos imobiliários com lastro em hipotecas ou em empréstimos do setor público, para estimular a economia na zona do euro.

A implementação das medidas do BCE já impacta o preço do ouro. Entre os dias 1º e 8 de setembro, na semana do anúncio do pacote de estímulos pela autoridade monetária, a cotação da commodity caiu 2,37%. Em agosto, o preço da onça-troy em Nova York havia ficado estável, com pequena alta de 0,37%.

Além do programa europeu, na próxima semana, pode vir da maior economia mundial mais munição no impulso para baixo do preço do metal precioso. Na próxima reunião de política monetária do Fed, nos dias 16 e 17 de setembro, o BC americano pode oferecer uma sinalização mais clara sobre o momento e o ritmo de subida dos juros nos EUA, com efeito sobre a cotação do ouro.

27-10/09/2014

Triumph acquire projeto Arapuá

A Triumph Tin adquiriu o projeto de fertilizantes Arapuá, em Minas Gerais. O projeto está localizado próximo aos municípios Lagoa Formosa e Carmo do Parnaíba e foi adquirido através da subsidiária brasileira da empresa, a Triunfo Mineração. O acordo de compra prevê o pagamento de US\$ 1 milhão, assim que a produção comercial for iniciada, e 2% de royalties (net smelter return) pagos ao fornecedor. O projeto Arapuá é composto por oito licenças de exploração já concedidas, cobrindo uma área de 14.946 hectares. O projeto está dividido em três blocos, conhecidos como Arapuá, Pindaíbas e Maxixe.

No bloco Arapuá, amostras históricas apontaram teores que variam de 5% a 22,8% de pentóxido de fósforo (P₂O₅). No bloco Pindaíbas, os teores chegam a 23% de P₂O₅ e 7% de óxido de potássio (K₂O). “O Brasil é uma das economias que mais crescem no mundo e é um país com enorme demanda por fertilizantes. O aumento do uso desse tipo de produto é vital para manter o status de gigante agrícola, que faz do Brasil o quarto maior consumidor de fertilizantes do mundo”, afirmou a Triumph em seu comunicado. No Brasil, a Triumph já possui, por meio da Avenue Resources, projetos de estanho em Tocantins e Rondônia. A Avenue adquiriu a Triumph Tin em 2011, por meio de troca de ações. Os projetos em Rondônia vieram de um acordo que a Triumph tinha com a Lara Exploration

Fonte: Brasil Mineral

28-11/09/2014

Goldman: preço do minério põe fim à 'era do ferro'

Por Sergio Caldas, com informações da Dow Jones Newswires | Estadão Conteúdo

A "era do ferro" chegou ao fim, segundo o Goldman Sachs, após a forte queda de 38% verificada nos preços do minério desde o começo do ano. Na avaliação do banco norte-americano, a fraca perspectiva de demanda da China e a "natureza estrutural" da farta oferta do metal tornam improvável uma eventual recuperação do mercado. O Goldman prevê que os preços do minério de ferro vão recuar ainda mais nos próximos anos, dos atuais US\$ 84,00 por tonelada para US\$ 80,00 em 2015, US\$ 79,00 em 2016 e US\$ 78,00 em 2017.

Embora a queda nos preços possa levar produtores menores a deixarem o mercado, aumentando a concentração entre as maiores, incluindo Rio Tinto e BHP Billiton, isso não deverá levar a uma recuperação dos preços, pois o crescimento da oferta continuará superando a expansão da demanda "numa razão de 3 por 1" no período previsto, afirmou o banco.

29-11/09/2014

Rio Tinto vê corte global de 125 mi t em capacidade minério de ferro em 2014

Reuters

WASHINGTON (Reuters) - A Rio Tinto, segunda maior produtora de minério de ferro do mundo, espera que outras mineradoras cortem 125 milhões de toneladas de capacidade de minério de ferro em 2014, aproximadamente igual à quantidade de nova oferta prevista para entrar em operação na Austrália e no Brasil.

Os preços do minério de ferro acumulam perdas de 38 por cento este ano, atingindo mínimas de cinco anos, em grande parte devido a um excedente de oferta de minério de baixo custo a partir dos principais produtores, a brasileira Vale, a Rio Tinto, a BHP Billiton e a Fortescue.

A queda dos preços tem sido mais profunda e mais rápida do que o esperado, e grandes e pequenas mineradoras previam que os produtores de alto custo, principalmente na China, seriam forçados a reduzir a produção em resposta aos preços deprimidos.

"Eu acho que já há alguma evidência, certamente na China, Indonésia, Irã, África do Sul e Austrália, estamos vendo alguns competidores mais marginais tomarem decisões de cortar capacidade", disse o presidente-executivo Sam Walsh à Reuters no intervalo de um evento em Washington.

"Estamos esperando que ao longo deste ano 125 milhões de toneladas de capacidade sejam cortadas em resposta a preços mais baixos", disse ele, acrescentando que 85 milhões de toneladas já foram cortadas, em linha com as expectativas.

Um corte de 125 milhões de toneladas seria equivalente a quase 10 por cento do comércio global previsto em minério de ferro para este ano, e aproximadamente igual às 132 milhões de toneladas de nova previsão de fornecimento a vir da Austrália e do Brasil em 2014.

(Reportagem de Krista Hughes)

30-11/09/2014

Segurança é duvidosa em 64 barragens de rejeito em Minas

O grande número de barragens sem informações, abandonadas ou sem garantias técnicas de estabilidade em Minas Gerais preocupa especialistas, ambientalistas e pessoas que vivem sob a área de abrangência desses diques. De acordo com o último relatório da Fundação Estadual de Meio Ambiente, com dados do ano passado, mais de

8% das barragens no estado não têm condição de segurança garantida pelos auditores dos empreendimentos aos quais pertencem ou não dispõem de informações técnicas suficientes para esse tipo de garantia. Nessa situação se encontram nada menos do que 64 estruturas de contenção de rejeitos químicos e de mineração, do total 744 existentes. “Há muitas barragens de empreendimentos abandonados por empresas que faliram ou exauriram sua atividade e outras estruturas erguidas com tecnologia de 40 ou 50 anos atrás. Por isso a fiscalização da Feam tem de ser rigorosa”, afirma o diretor de assuntos ambientais do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), Rinaldo Mancin.

A legislação ambiental demanda que as próprias empresas gerem relatórios auditados à Feam, para garantir a segurança de suas barragens. No ano passado a fundação informou ter realizado 154 vistorias a barragens, cobrindo grande parte das que estavam em condições mais delicadas. Segundo o levantamento “em sua maioria, as recomendações dos relatórios de auditoria foram implementadas, sendo registradas algumas não conformidades operacionais de pequena significância, para as quais foram novamente solicitadas correções imediatas”. As não conformidades relacionadas se referem a “excesso de vegetação nos taludes, impossibilitando uma boa inspeção e fiscalização, acúmulo de materiais sólidos nos vertedouros e algumas recomendações que não foram implementadas dentro do prazo”.

A fundação informou que o Programa de Gestão de Barragens de Rejeitos e Resíduos é desenvolvido desde 2002 com “o objetivo de reduzir o potencial de danos ambientais em decorrência de acidentes nessas estruturas”. “A Feam lançou em 2008, em ação pioneira no país, o Banco de Declarações Ambientais (BDA), que permite cadastrar novas barragens, atualizar dados de estruturas já cadastradas e apresentar a declaração de estabilidade, em ambiente web, o que oferece mais agilidade às ações”, informou.

Mistério

A ausência de chuvas, a presença de equipamentos de segurança que alertam sobre abalos de estrutura e as vistorias recentes que atestaram boas condições de estabilidade para a barragem de contenção de rejeitos da Mineração Herculano deixam especialistas intrigados em relação à causa do rompimento, na manhã de ontem. Integrantes do Instituto Brasileiro de Avaliações e Perícias de Minas Gerais (Ibape-MG) e do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram) afirmam que, excluindo-se fatores externos, um dique desse tipo se rompe apenas por falhas estruturais na construção, na ampliação, no monitoramento de integridade e na manutenção da estrutura.

A barragem rompida tinha equipamentos de segurança como um piezômetro – um poço para medição do nível do conteúdo –, e medidores de deslocamento e recalque, que servem para alertar sobre rachaduras, infiltrações e para o caso de a estrutura começar a ceder. “São instrumentos dos mais modernos e que, se estivessem em funcionamento, alertariam para condições que levassem ao rompimento”, observa o diretor de assuntos ambientais do Ibram, Rinaldo Mancin. Para ele, o fato de uma obra de manutenção estar ocorrendo justamente no ponto onde a contenção se partiu indicar a possibilidade de que essa intervenção tenha contribuído para o acidente. (MP)

Fonte: EM

31-11/09/2014

Kalium obtém concessão de lavra para projeto

A Kalium Mineração obteve concessão de lavra para o projeto de potássio que possui em Dores do Indaiá (MG). A portaria foi publicada no Diário Oficial da União no dia 29 de agosto, pelo Ministério de Minas e Energia (MME). Com o aval, a Kalium avançará no projeto para produzir sulfato de potássio, um insumo de fertilizantes, e alumina. A portaria de lavra fica condicionada ao cumprimento da produção anual prevista de 60 mil t de minério bruto (ROM), relativa à reserva medida de 144,475 milhões de t que constam do Plano de Aproveitamento Econômico da Jazida, aprovado pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM).

A portaria permite lavar rocha potássica nos municípios de Quartel Geral e Serra da Saudade, ambos em Minas Gerais, numa área de 1.395,38 hectares, que faz parte do processo 831.031/1980. “A Kalium tem um futuro grande pela frente. Estamos conscientes de que vamos conseguir implantar o projeto. O pedido de concessão de lavra foi protocolizado em 2010. Em março deste ano, o projeto foi aprovado pelo Inova Agro, programa de financiamento do BNDES.

A fábrica do projeto vai ser instalada em Dores do Indaiá, mas a mina fica na Serra da Saudade. O financiamento gira em torno de R\$ 26 milhões, que serão aplicados na construção de uma planta semi-industrial. Os recursos serão intermediados pelo Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG). O projeto tem reserva de 218 milhões de t de minério com teor de 11% de potássio equivalente (K₂O). A Kalium vai produzir sulfato de potássio e alumina no projeto e aproveitar o rejeito, que é 100% de sílica, para o setor de construção civil.

Fonte: Brasil Mineral

32-11/09/2014

ACIDENTE

Deslizamento de terra faz vítimas em Itabirito

Na manhã de hoje, 10 de setembro, houve um deslizamento de terra em uma mina da empresa Herculano, no município de Itabirito (MG). Segundo o Corpo de Bombeiros, existem pelo menos oito vítimas soterradas. O Secretário Municipal de Meio Ambiente, Antonio Marcos Generoso, confirmou três mortos no acidente e uma pessoa socorrida para o Hospital João XXIII, em Belo Horizonte, apesar dos Bombeiros tratarem como um óbito e dois desaparecidos. O Corpo de Bombeiros afirma que houve rompimento de uma barragem desativada que contém o resto de lavagem do minério. O acidente aconteceu quando funcionários faziam a manutenção na barragem e uma grande quantidade de rejeitos (lama e água) desceu e atingiu os operários e veículos. De acordo com militares, ficaram soterrados um caminhão com motorista, uma escavadeira com o operador e um Fiat Uno e seu condutor. Quatro funcionários que estavam a pé foram retirados com vida pelos Bombeiros e apoio de colegas de trabalho. Generoso diz que o importante agora é ter certeza que não há mais vítimas. A Herculano informou que não há mais desaparecidos. A Defesa Civil está monitorando a descida de água na barragem para que o volume seja contido. Outra barragem da mina está interditada pelo risco no local. Generoso afirma que é cedo para falar o que provocou a tragédia. “No momento, a Polícia Militar Ambiental, Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Defesa Civil

trabalham em parceria para saber as causas do acidente e os impactos para Itabirito”, explicou Generoso. A mina está completamente fechada, com entrada proibida até para prestadores de serviço. Apenas viaturas têm acesso ao local.

Fonte: Brasil Mineral

33-11/09/2014

POLÍTICA MINERAL

ABPM quer a indústria mineral fora do MME

"A mineração é indústria e como tal deve estar no MDIC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior". Foi o que defendeu o presidente da ABPM (Associação Brasileira de Pesquisa Mineral), Elmer Prata Salomão, durante sessão do Forum Novos Futuros para a Mineração, movimento formado por profissionais e entidades do setor para discutir propostas e soluções visando alavancar o desenvolvimento da mineração brasileira, que se encontra em processo de semi-estagnação. Para o dirigente da ABPM, caso seja abrigada no MDIC a mineração poderá ser incluída na política industrial do País, além de estar junto com seus clientes, que são os setores industriais consumidores de matérias primas minerais. Ele acrescenta que a mineração tem sido uma espécie de pária no Ministério de Minas e Energia, que na verdade trata mais de energia, deixando a mineração em segundo plano. "Além disso, o MME não tem nenhuma importância na área econômica". Pela proposição da entidade, o Serviço Geológico do Brasil, cuja função é gerar informações geológicas básicas para a sociedade, deveria ir para o Ministério da Ciência e Tecnologia e o Cetem passaria a ser uma espécie de "Embrapa mineral", uma instituição capaz de desenvolver processos para os nossos bens minerais, visando ao seu melhor aproveitamento. A proposta da ABPM poderá ser assumida pelo Forum Novos Futuros para a Mineração para ser levada ao novo governo no bojo das outras proposições que estão sendo discutidas. A intenção, segundo os coordenadores do Forum (Renato Ciminelli, Bernardo Viana e Persio Mandetta), é "contribuir para o fortalecimento de um novo protagonismo profissional mais independente e que explore cenários inovadores, propondo transformações que muitas vezes são encaradas como inviáveis". Dentre os pontos em discussão no Forum, destacam-se: identificação de eixos estruturantes para alavancagem e valorização da mineração brasileira; inovações tecnológicas e científicas que possam contribuir para a competitividade da mineração; questões ambientais e institucionais, com ênfase nos esforços para uma mineração sustentável.

Fonte: Brasil Mineral

34-11/09/2014

MARCO REGULATÓRIO

ONGs querem afastamento de Leonardo Quintão

O Comitê Nacional em Defesa dos Territórios frente à Mineração - que inclui Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), Instituto Socioambiental e Instituto de Estudos Socioeconômicos – quer o afastamento do deputado federal Leonardo

Quintão (PMDB-MG) da relatoria do novo marco legal da mineração, em tramitação na Câmara. As entidades entraram com um mandado de segurança no Supremo Tribunal Federal (STF), alegando quebra de decoro parlamentar. A acusação tem por base o fato de Quintão relatar um projeto que envolve interesses de empresas que financiaram sua campanha em 2010. Segundo dados levantados pelas entidades no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), cerca de 20% dos R\$ 2 milhões arrecadados por Quintão foram doados por cinco grupos de metalurgia e mineração. Entre eles estão a ArcelorMittal Inox Brasil (R\$ 106 mil), Usiminas Mecânica (R\$ 70 mil) e Gerdau Comercial S/A (R\$ 74 mil). A Gerdau informou que as doações respeitam rigorosamente a legislação. Segundo o jornal o Estado de São Paulo, as demais citadas não quiseram comentar o assunto. O levantamento feito para a campanha à reeleição, em 2014, mostra como único financiador Rodrigo Quintão, irmão do deputado também ligado ao setor, por meio das empresas Itazul e Minero-Metalurgia Sabinopolis. Segundo as organizações, o Código de Ética da Câmara considera que fere o decoro parlamentar aquele que relatar assunto "de interesse específico de pessoa física ou jurídica que tenha contribuído para o financiamento de sua campanha eleitoral". Antes de recorrer ao STF, as entidades, em maio, encaminharam representação à Mesa da Câmara, pedindo a destituição do relator. O pedido foi arquivado pelo presidente, Henrique Alves (PMDB-RN), sob alegação que o projeto trata de regras gerais, aplicáveis a todas as empresas que atuam no setor e não ao interesse de alguma em especial. O pesquisador do Ibase Carlos Bittencourt diz que o novo marco regulatório não contempla garantias aos direitos das populações afetadas por grandes projetos, proteção ambiental e direito de trabalhadores da mineração, o que faz o projeto retroceder até em relação ao código em vigor, de 1967. Para o pesquisador do Ibase, a proposta encaminhada pelo Governo já era ruim e piorou com as mudanças sugeridas por Quintão.

Fonte: Brasil Mineral

35-11/09/2014

MINÉRIO DE FERRO

SAFM aumenta em 34% os recursos de Ponto Verde

A South American Ferro Metals (SAFM) aumentou em 34% os recursos do projeto de minério de ferro Ponto Verde, passando de 301,1 milhões de t para 403,71 milhões de t de minério. Os novos números estão de acordo com o código Jorc (Joint Ore Reserves Committee). O projeto está localizado no município de Itabirito (MG). Dos 403,7 milhões t totais, 241,6 milhões de t foram classificadas como medidas e indicadas, e os restantes 162,1 milhões de t são de recursos inferidos. A SAFM afirmou que os recursos adicionais foram verificados por meio de sondagem a diamante de 12 furos e 162 amostras, obtidas em 584,5 m de trincheiras, que confirmaram a continuidade da mineralização. A maior parte dos recursos atualizados foram calculados em uma profundidade média de 70 m da superfície, mas, segundo a SAFM, a mineralização se estende a mais de 320 m de profundidade. Com base nessas informações, a mineradora planeja agora um novo programa de sondagem que visa aumentar o tamanho do depósito. Toda a produção da SAFM é negociada com produtores locais. A empresa tem acordos de compra e venda de minérios com a Vale e com a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), por meio da Namisa, que cobrem cerca de 75% da sua produção total.

A SAFM detém 100% dos direitos da mina Ponto Verde, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, dentro do quadrilátero ferrífero, em Minas Gerais.

Fonte: Brasil Mineral

36-11/09/2014

POTÁSSIO

Kalium obtém concessão de lavra para projeto

A Kalium Mineração obteve concessão de lavra para o projeto de potássio que possui em Dores do Indaiá (MG). A portaria foi publicada no Diário Oficial da União no dia 29 de agosto, pelo Ministério de Minas e Energia (MME). Com o aval, a Kalium avançará no projeto para produzir sulfato de potássio, um insumo de fertilizantes, e alumina. A portaria de lavra fica condicionada ao cumprimento da produção anual prevista de 60 mil t de minério bruto (ROM), relativa à reserva medida de 144,475 milhões de t que constam do Plano de Aproveitamento Econômico da Jazida, aprovado pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). A portaria permite lavrar rocha potássica nos municípios de Quartel Geral e Serra da Saudade, ambos em Minas Gerais, numa área de 1.395,38 hectares, que faz parte do processo 831.031/1980. “A Kalium tem um futuro grande pela frente. Estamos conscientes de que vamos conseguir implantar o projeto. O pedido de concessão de lavra foi protocolizado em 2010. Em março deste ano, o projeto foi aprovado pelo Inova Agro, programa de financiamento do BNDES. A fábrica do projeto vai ser instalada em Dores do Indaiá, mas a mina fica na Serra da Saudade. O financiamento gira em torno de R\$ 26 milhões, que serão aplicados na construção de uma planta semi-industrial. Os recursos serão intermediados pelo Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG). O projeto tem reserva de 218 milhões de t de minério com teor de 11% de potássio equivalente (K₂O). A Kalium vai produzir sulfato de potássio e alumina no projeto e aproveitar o rejeito, que é 100% de sílica, para o setor de construção civil.

Fonte: Brasil Mineral

37-11/09/2014

AÇO

Demanda chinesa cai pelo terceiro mês consecutivo

Segundo o Platts China Steel Sentiment Index, o setor de aço chinês atingiu índice de 45.88 de um total de 100 pontos. Isto significa uma queda de 1.09 pontos em relação a agosto, quando o índice foi de 46.97, e o terceiro mês consecutivo que o índice fica abaixo dos 50 pontos. O dado mais positivo do levantamento é que as encomendas de exportação devem crescer 16.50 em setembro na comparação com agosto. As perspectivas para o produto de aço bruto também melhoraram

Fonte: Brasil Mineral

38-11/09/2014

AngloGold separa operações e cria outra companhia

Por **Andrew England e James Wilson** | **Financial Times, de Londres**

A AngloGold Ashanti aderiu à onda de reestruturações no setor de mineração como reação à queda dos preços e ao enfraquecimento das perspectivas de crescimento. A mineradora anunciou plano que prevê a cisão corporativa respaldada por uma emissão de direitos preferenciais de subscrição de US\$ 2,1 bilhões.

A companhia, a terceira maior mineradora mundial de ouro em termos de produção, vai desmembrar as divisões em operação fora de seu país de origem, a África do Sul, e registrará uma nova produtora multinacional de ouro na Bolsa de Londres.

A AngloGold vai manter suas minas na África do Sul, responsáveis por cerca de um terço de sua produção, e manter uma participação de 65% no capital da empresa resultante da cisão.

A emissão de direitos foi necessária para reduzir a dívida líquida da AngloGold, de US\$ 3,1 bilhões, e será levada a cabo mesmo se os acionistas rejeitarem o plano de desmembramento, disse o principal executivo Srinivasan Venkatakrishnan.

As ações da AngloGold caíram mais de 11% ontem. As mineradoras que se apressaram em acumular ativos durante uma década de crescimento da demanda por commodities tentam gerar valor para acionistas decepcionados por meio da reversão desse processo: livrando-se de ativos secundários, reduzindo as dívidas e pressionando os custos.

"Uma cisão pode ser uma solução imediata relativamente rápida para gerar valor", disse Alexander Keepin, codiretor de mineração do escritório internacional de advocacia Berwin Leighton Paisner.

A proposta da AngloGold ocorre após a BHP Billiton, maior mineradora do mundo em valor de mercado, informar no ano passado que pretende vincular ativos avaliados entre US\$ 10 bilhões e US\$ 15 bilhões a uma empresa australiana registrada em bolsa. Ela espera com isso simplificar sua estrutura e tornar-se mais atrativa aos investidores.

As mineradoras de ouro estão sendo pressionadas desde a queda de 18% no preço do metal, no ano passado, expondo uma década de inflação de custos no setor.

No caso da AngloGold, os investidores encaram com restrições suas ligações com a África do Sul, onde a reestruturação tende a ser interpretada como mais um golpe sobre o setor minerador. A mineração tem sido pressionada pela insatisfação da mão de obra, a expansão dos custos, os gargalos de infraestrutura e, no caso do ouro, pela queda da produção.

A produtora sul-africana Gold Fields anunciou em 2012 uma grande reestruturação, e manteve apenas uma mina na África do Sul, seu carro-chefe South Deep. As minas mais antigas foram desmembradas em uma empresa chamada Sibanye Gold.

A África do Sul já foi responsável por cerca de dois terços da produção mundial de ouro, mas o volume anual extraído caiu de mil toneladas em 1970 para 167 toneladas em 2012 - o menor desde 1905. A AngloGold espera que a tecnologia melhore a produção.

Ao cindir seu portfólio de ativos, a AngloGold tem esperanças de que a classificação da nova empresa - que ela espera habilitar para integrar o índice FTSE 100 de "blue-chips" britânicas - suba junto aos investidores.

"Essa é a melhor oportunidade de reclassificação para os ativos não operantes na África do Sul", disse Venkatakrishnan.

A nova empresa será diferente de outras mineradoras de ouro com ações registradas em Londres, que tendem a se concentrar em um país ou região. Ela tem minas nas Américas, na Austrália e na África, mas suas principais perspectivas de crescimento estão na Colômbia, onde há muito subexplorada devido à agitação civil.

Analistas do banco e gestora de investimentos Investec sugeriram que o desmembramento poderia, "de modo simplista", ser avaliado em cerca de 3 bilhões de libras esterlinas.

Por outro lado, após a emissão de direitos e a cisão, a AngloGold ficará livre de dívidas - uma condição fixada pelo banco central da África do Sul para que a reestruturação continue.

39-11/09/2014

Dilemas fiscais

Por **Mário Mesquita- Valor**

Nas discussões sobre os desafios da política fiscal, é consenso que o país precisa elevar o superávit primário, se não quiser correr o risco de perder o grau de investimento, com tudo o que isso acarretaria sob o ponto de vista dos preços de ativos e custo de financiamento do próprio governo e das empresas.

O consenso termina na definição do superávit adequado, e em especial sobre como atingi-lo. As dúvidas sobre o que deve ser a meta fiscal começam com a incógnita sobre qual seria, atualmente, o real resultado fiscal, excluindo-se operações extraordinárias, bem como medidas criativas de postergação de gastos e antecipação de receitas.

Estimamos, no Brasil Plural, que o superávit recorrente chegue a cerca de 0,8% do PIB nesse ano. Estimamos, também, que o superávit necessário para se estabilizar a dívida líquida modificada, qual seja a dívida bruta do setor público menos as reservas internacionais, seja no momento próximo a 2,3% do PIB.

Ajuste de curto prazo dificilmente será alcançado sem algum aumento de imposto ou reversão dos cortes

Note-se que essa definição de dívida líquida tornou-se mais informativa e relevante, para medir o tamanho efetivo do endividamento governamental, a partir do momento em que as operações financeiras entre Tesouro e bancos públicos adquiriram o vulto observado nos últimos anos.

Faz-se necessário, portanto, um esforço fiscal de pelo menos 1,5 ponto percentual do PIB, podendo ser mais se, ao final do ano, constatarmos que o superávit primário recorrente ficou abaixo do estimado.

Esse esforço pode ser alcançado tanto com aumentos de impostos quanto cortes de gastos. É sabido que o Brasil tem uma carga tributária entre as maiores, senão a maior, das economias emergentes. Há mesmo sensação generalizada de fadiga tributária. Ocorre que o sistema político tem premiado quem aumenta gastos muito mais do que quem corta impostos. Dessa forma, a linha de menor resistência política segue sendo a de elevar tributos.

Aumentos de tributos na maioria dos casos, mas não em todos, requerem aprovação do Congresso e obedecem ao princípio da anterioridade - segundo o qual aumentos de impostos decididos em 2015 só valerão a partir de 2016 - ou, no caso das contribuições, da "noventena" - só passam a ser devidas noventa dias depois de criadas.

Do lado dos impostos e contribuições, as alternativas que teriam o maior potencial de gerar receitas no curto prazo seriam rever as desonerações da folha de pagamento - algo como 0,4% do PIB - bem como implementar certos aumentos do IPI e recompor a Cide, o que geraria um ganho arrecadatório de cerca de 0,2% do PIB se as duas últimas medidas fossem válidas a partir do segundo semestre. Se, além disso, o governo resolver ressuscitar a CPMF, com novo nome e justificativa, mas com a mesma alíquota anterior, o aumento de receita chegaria a 1,3% do produto (supondo que a nova CPMF estaria valendo apenas a partir do segundo semestre do ano).

Olhando para 2015, temas como imposto sobre riqueza, com receita estimada de 0,2% do PIB, aumento da alíquota máxima do imposto de renda sobre pessoas físicas, e aumento dos royalties sobre minério de ferro - 0,3% e 0,1% do PIB, respectivamente, poderiam contribuir para um ajuste permanente das receitas. Obviamente, nada disso é politicamente indolor, caberá ao novo governo e suas lideranças parlamentares decidirem se e como irão proceder, caso o foco do ajuste seja no lado das receitas.

Do lado das despesas, o suspeito de sempre é o orçamento de investimentos, estabelecido em R\$ 77,6 bi, ou cerca de 1,4% do PIB, cujo corte poderia aliviar a necessidade de se aumentar impostos, ainda que com custos macroeconômicos relevantes quando se tem em mente a tão necessária atualização da infraestrutura da economia. Outra possibilidade seria cortar alguns dos gastos excessivos com programas

como o seguro-desemprego e auxílio doença (1,1% do PIB no total), que parecem ser no momento objeto de abusos e fraudes, mas cuja implementação também poderia ser politicamente complicada e dificilmente seria imediata.

A conclusão inevitável é que o ajuste fiscal de curto prazo dificilmente será alcançado sem algum aumento de imposto ou reversão dos cortes implementados nos últimos anos. O que o novo governo poderia fazer seria anunciar um programa fiscal de emergência, que contemple medidas do lado dos gastos e receitas, mas dentro de um contexto de um programa fiscal de médio prazo.

O programa de médio prazo seguiria estratégia delineada pelo então ministro Palocci, que foi rejeitada pelo governo em 2005. A ideia central é que não é possível estabilizar a dívida pública e a carga tributária sem que os gastos passem a crescer em linha com o produto. Mais importante, se, depois do período de ajuste de curto prazo, o governo almejar cortar de forma sustentável e crível a carga tributária, então será preciso que os gastos cresçam mais lentamente que o produto. Sem a perspectiva de algum alívio tributário no horizonte, ainda que não de imediato, será difícil reanimar os espíritos animais de nossos empreendedores.

Essa coluna é dedicada ao economista Alexandre Schwartsman, que tanto tem contribuído ao debate sobre política econômica em nosso país.

Mário Mesquita, economista, é sócio do banco Brasil Plural. Foi diretor de Estudos Especiais e depois diretor de Política Econômica do Banco Central. Escreve quinzenalmente, às quintas-feiras.

40-11/09/2014

SETOR MINEROMETALÚRGICO REÚNE-SE PARA DEBATER DESAFIOS

Três eventos da Associação Brasileira de Metalurgia, Materiais e Mineração (ABM) acontecerão, simultaneamente, de 15 a 18 de setembro, no Dayrell Hotel e Convenções, em Belo Horizonte (MG): o 44º Seminário de Redução de Minério de Ferro e Matérias-Primas, o 15º Simpósio Brasileiro de Minério de Ferro e o 2º Simpósio Brasileiro de Aglomeração de Minério de Ferro.

Um dos destaques da programação é o painel 'Desafios para a mineração e siderurgia frente à nova realidade das reservas de minério de ferro e carvão', que acontecerá no dia 17. A engenheira e consultora Vânia Lúcia de Lima Andrade, diretora da ABM, coordenará a atividade, que terá como moderador dos debates o diretor Industrial da ArcelorMittal Tubarão, Jorge Luiz Ribeiro de Oliveira.

Participação do painel:

Matthew Warder, analista sênior da Wood Mackenzie, que discutirá sobre os recursos de minério de ferro em nível mundial;

Armando Correa de Araújo, CTO Mining Projects da ArcelorMittal, abordará as tendências no beneficiamento do minério de ferro face à realidade dos recursos minerais;

Jorge Guimarães Caldeira, sócio gerente da Coalbiz, falará sobre os recursos de carvão mineral em nível mundial;

José Henrique Noldin Júnior, gerente global de mercado siderúrgico da Lhoist, dará um panorama geral sobre as tendências da área de redução (processo siderúrgico que transforma o minério de ferro em ferro gusa, matéria-prima para produção do aço) diante da realidade dos recursos do minério de ferro e de carvão.

A programação inclui sessões técnicas, cursos, palestras e conferências de especialistas convidados (keynote speakers), exposição de produtos e serviços de empresas de mineração, siderurgia e fornecedores para estes segmentos, além de visitas técnicas.

A Vale será a empresa anfitriã dos eventos, que também são patrocinados pela Alstom, Inbras, Samarco, Senai, Reframax, Lumar Metals, Clariant, Gerdau, SunCoke Energy, ArcelorMittal, AkzoNobel, Magotteaux, Metso, Sibelco, XT, PanAlytical, Aperam, CSN, Sesi Fiemg e Usiminas.

Apoio da Abal, Abceram, Abcem, ABS, AEA, Brasil Insurance, Epusp, FEI, Fapemig, Fundação Gorceix, IABr, IAS, InfoMine e Sindiextra.

Para saber mais detalhes sobre a programação dos três eventos, acesse: www.abmbrasil.com.br/seminario

Serviço

44º Seminário de Redução de Minério de Ferro e Matérias-Primas, o 15º Simpósio Brasileiro de Minério de Ferro e o 2º Simpósio Brasileiro de Aglomeração de Minério de Ferro

Data: 15 a 18 de setembro de 2014

Local: Dayrell Hotel e Convenções (Rua Espírito Santo, 901 – Centro -Belo Horizonte – MG

Promoção: Associação Brasileira de Metalurgia, Materiais e Mineração – ABM

Fonte: Assessoria

41-11/09/2014

VOTORANTIM ABRE 42 VAGAS PARA TRAINEES

As inscrições para o Programa de Trainees 2015 da Votorantim estão abertas até o dia 6 de outubro. São 42 vagas para a inserção de profissionais recém-formados, a partir de

janeiro, na holding e nas empresas Votorantim Cimentos, Votorantim Metais, Votorantim Siderurgia e Votorantim Energia. Podem se inscrever jovens formados entre 2012 e 2014 nos cursos de Administração, Relações Internacionais, Comércio Exterior, Economia, Engenharia (todas as áreas), Ciências Contábeis, Estatística, Matemática, Geologia, Física, Química, Ciências Sociais, Direito, Comunicação Social, Marketing, Psicologia e Computação. O Programa Trainees terá duração de 14 meses e mesclará o trabalho diário com uma sólida formação em gestão e outras atividades, como a participação em projetos multidisciplinares e contato direto com a alta liderança. A inscrição pode ser realizada no endereço www.produzindofuturos.com.

Fonte:Notícias de Mineração Brasil

42-12/09/2014

O que deu errado no projeto da China de produzir suas próprias commodities
Por Wayne Arnold | *The Wall Street Journal*, de Cape Preston, Austrália

Uma mina de minério de ferro de US\$ 10 bilhões que levou mais de oito anos para ser desenvolvida perto do remoto porto de Cape Preston, na Austrália, é um exemplo claro de como muito do esforço chinês de mais de dez anos para comprar matérias-primas ao redor do mundo deu errado.

A mina Sino Iron, da Citic Pacific, custou cerca de quatro vezes o seu orçamento inicial e analistas que monitoram o projeto dizem que é provável que ela tenha um prejuízo de centenas de milhões de dólares em 2014, seu primeiro ano completo de produção. A Citic Pacific, subsidiária da gigante estatal chinesa Citic Group, que tem capital aberto em Hong Kong, e suas empreiteiras cometeram uma série de erros, de pensar que importariam trabalhadores com níveis salariais dos chineses a apostas fracassadas em câmbio, o que levou a companhia a procurar um socorro de US\$ 1,5 bilhão de sua matriz.

E, embora a Sino Iron pelo menos esteja embarcando minério, ela permanece presa numa batalha legal com seu sócio local, Clive Palmer, um magnata do setor imobiliário que se tornou político e agora acusa a Citic Pacific de se apossar de recursos australianos sem pagar integralmente por eles.

"Foi um processo de aprendizado doloroso", diz Zhang Jijing, que passou 16 anos conduzindo a empresa australiana do Citic Group antes de ser indicado, no fim de 2009, como diretor executivo e superintendente da subsidiária Citic Pacific, que recentemente mudou de nome para Citic Ltd.

Nos últimos dez anos, a China se apressou em comprar commodities globais à medida que sua economia florescia - tanto para alimentar suas fábricas quanto para ter certeza

de que não ficaria dependente de matérias-primas produzidas pelas potências ocidentais. Os investimentos internacionais da China nesses produtos atingiram US\$ 53,3 bilhões em 2013, ante US\$ 8,2 bilhões em 2005, segundo dados compilados pelos centros de estudos American Enterprise Institute e Heritage Foundation.

Agora, está se tornando claro que a maratona de compras da China gerou muitos investimentos ruins. Muitas empresas grandes estão perdendo dinheiro, enfrentando custos inesperados ou produzindo muito menos que o esperado. Alguns investidores chineses estão se afastando das matérias-primas - uma mudança que pode levar menos dinheiro chinês para regiões como África, América Latina e Oriente Médio.

As razões para os problemas chineses variam. A China chegou tarde no boom das matérias-primas e com frequência pagou caro por ativos nos quais as empresas ocidentais não tinham interesse ou queriam vender. A China pagou 20% mais por ativos de petróleo e gás que a média do setor, estima Scott Darling, diretor de pesquisa do setor para o J.P. Morgan Chase & Co. na Ásia.

A China Petroleum & Chemical Corp., também conhecida como Sinopec, pagou US\$ 4,64 bilhões em 2010 pela participação da ConocoPhillips na empresa canadense de areias betuminosas Syncrude Canada Ltd. O preço tinha um prêmio de 10% em relação ao valor de mercado do ativo, aferido pela avaliação de mercado de sua principal acionista, a Canadian Oil Sands Ltd. Subsequentemente, o projeto sofreu atrasos pelos custos crescentes e queda de produção, segundo dados financeiros da Canadian Oil Sands.

A Sinopec informou que o projeto Syncrude era o único de areias betuminosas dessa dimensão disponível naquele momento cujo preço era razoável. A produção do Syncrude e sua lucratividade estavam estáveis até recentemente, informa a Sinopec, que espera que o projeto opere durante 60 anos e se torne lucrativo no longo prazo.

A Cnooc Ltd. pagou US\$ 15,1 bilhões em 2012 pela produtora de energia canadense Nexen Inc., cujo lucro líquido é hoje menos de 20% do total registrado em 2010. A empresa sofre com a queda dos preços do gás natural, queda de produção dos campos principais e outros problemas.

A Cnooc informou que o desempenho da Nexen desde a fusão está em linha com as expectativas e os ativos estão operando de forma estável.

Em abril, o Irã cancelou um negócio de US\$ 2,5 bilhões com a China National Petroleum Corp. para desenvolver um campo de petróleo chamado South Azadegan depois que autoridades iranianas alegaram que a China estava superfaturando os preços de equipamentos de perfuração e serviços, provocando atrasos no projeto. Um mês antes, o vice-ministro do Petróleo do Irã, Mansour Moazzami, disse que a CNPC estava correndo o risco de perder um contrato de US\$ 4,7 bilhões para desenvolver o campo de

gás gigante South Pars porque a empresa não conseguiu fazer avanços significativos. A CNPC não respondeu aos pedidos de comentários.

Projetos de mineração e petróleo são complicados por natureza e as produtoras ocidentais de matérias-primas frequentemente têm de lidar com seus próprios problemas. Alguns analistas dizem que a China está simplesmente acordando para a dura realidade que há muito as empresas ocidentais enfrentam nesses projetos.

Alguns dos maus negócios chineses poderiam dar lucro se a oferta mundial de commodities ficar limitada e os preços subirem. Um punhado dos maiores negócios chineses, incluindo a compra dos ativos de petróleo da russa OAO Rosneft por US\$ 3,5 bilhões pela Sinopec em 2006, parece estar perto de gerar lucro, segundo dados das empresas e relatos na imprensa.

Grandes negócios chineses ainda estão sendo feitos. Em abril, uma unidade da China Minmetals Corp. liderou um consórcio para comprar uma mina de cobre peruana da Glencore Xstrata PLC por US\$ 5,85 bilhões. Mas as autoridades chinesas reconhecem as dificuldades. No ano passado, o presidente da associação das mineradoras da China estimou que 80% dos negócios de mineração no exterior haviam fracassado, embora ele não tenha dado detalhes, segundo a mídia estatal.

Em junho, o Escritório de Auditoria Nacional da China culpou a má gestão por prejuízo em pelo menos dez investimentos estrangeiros da China Investment Corp., o fundo soberano de US\$ 600 bilhões que colocou dezenas de bilhões de dólares em empresas de matérias-primas entre 2009 e 2012. O escritório não especificou quais negócios.

O CIC está se afastando de investimentos em petróleo e energia para outros setores, segundo pessoas próximas ao fundo. Os negócios com petróleo, gás e metais caíram para 65% dos investimentos estrangeiros da China em 2013, ante 80% em 2005, segundo o American Enterprise Institute e o Heritage Foundation. E os US\$ 53,3 bilhões que o país investiu em commodities em 2013 ficaram abaixo do recorde de US\$ 57,5 bilhões de 2011.

O Ministério do Comércio da China informa que elevou os esforços para avaliar investimentos estrangeiros e conscientizar as empresas dos riscos e responsabilidades existentes no exterior.

"O governo alertou que a partir de agora 'comprar qualquer matéria-prima por qualquer preço' acabou", disse o analista Por Yang-liang, do BNP Paribas de Hong Kong.

(Colaboraram Chester Dawson, Benoît Faucon, Ned Levin, Drew Hinshaw, Joy Ma, Wayne Ma, Brian Spegele, Lingling Wei e Kersten Zhang.)

43-12/09/2014

Erros da China nos projetos internacionais

Por **Wayne Arnold | The Wall Street Journal, de Cape Preston**

Uma mina de minério de ferro de US\$ 10 bilhões que levou mais de oito anos para ser desenvolvida em Cape Preston, na Austrália, é um exemplo claro de como muito do esforço chinês para comprar matérias-primas ao redor do mundo deu errado. A mina Sino Iron, da Citic Pacific, custou cerca de quatro vezes o seu orçamento inicial e analistas dizem ser provável que tenha prejuízo de centenas de milhões de dólares em 2014, seu primeiro ano completo de produção.

Nos últimos dez anos, a China se apressou em comprar commodities globais à medida que sua economia florescia. Seus investimentos internacionais em matéria-prima atingiram US\$ 53,3 bilhões em 2013, ante US\$ 8,2 bilhões em 2005. Agora, está se tornando claro que a maratona de compras gerou muitos investimentos ruins.

44-12/09/2014

Minério fecha abaixo de US\$ 82

Por **Olivia Alonso | De São Paulo**

Na terceira sessão seguida de baixa, o minério de ferro caiu 0,4% ontem e atingiu novo patamar negativo, negociado a US\$ 81,90 por tonelada. É a menor cotação desde 18 de setembro de 2009, quando fechou a US\$ 80 por tonelada. O preço é do minério com concentração de 62% de ferro negociado no mercado à vista chinês.

Em uma acentuada trajetória de queda nas últimas semanas, a matéria-prima do aço já acumula desvalorização de 7% em setembro, de 13% no terceiro trimestre e de 39% no ano.

Em relatórios recentes, analistas que acompanham o setor reduziram suas projeções de preços para este ano e os próximos. No curto prazo, afirmam que há espaço para novas quedas de preço e já citam como pisos valores de US\$ 75 a US\$ 80 por tonelada. Entretanto, em geral esperam uma leve recuperação no fim do ano, com a retomada das compras das siderúrgicas chinesas para recomposição de estoques. Para o quarto trimestre, mencionam preços de volta ao patamar de US\$ 90 por tonelada.

45-12/09/2014

Japonesa Mitsui pode não atingir meta de lucro por queda do minério de ferro

Reuters

TÓQUIO (Reuters) - A trading japonesa Mitsui pode não alcançar a meta de lucro deste ano de 1,1 bilhão de dólares em seu negócio de metais devido à queda no minério de ferro, alertou um executivo sênior, que disse que os preços podem despencar para até 80 dólares a tonelada antes de se recuperarem.

A Mitsui espera que os preços se recuperem para 100 dólares a partir do final do ano, e o negócio de minério de ferro da trading permanecerá lucrativo mesmo se os preços caírem até 30 por cento, disse à Reuters o executivo da Mitsui responsável por energia e metais, Horiyuki Kato, em entrevista na quarta-feira.

Seus comentários porém mostram que mineradoras e investidores em projetos de minério de ferro estão sentindo a pressão à medida que a demanda cai na China, que consome dois terços dos carregamentos mundiais da matéria-prima siderúrgica.

"Há um risco de que a unidade de recursos minerais e metais ficar abaixo de nossa previsão", disse Kato. "Isso depende de quanto do impacto da queda nos preços de minério de ferro pode ser compensado por cortes de custos e ampliações de produção".

A Mitsui projeta um lucro de 380 bilhões de ienes (3,56 bilhões de dólares para o ano até março, sendo que o segmento de recursos minerais e metais deve contribuir com 118 bilhões de ienes (1,10 bilhão de dólares).

Kato não detalhou em quanto a meta não será atingida.

Os preços à vista de minério de ferro caíram 39 por cento este ano conforme o aumento na oferta de mineradoras líderes de baixo custo superou o crescimento da demanda na China.

As três grandes mineradoras de minério de ferro --a Rio Tinto, a BHP Billiton e a Vale, na qual a holding da Mitsui tem uma fatia de 15 por cento-- estão apostando que podem forçar concorrentes menores a sair do mercado aumentando a produção.

"Os preços de minério de ferro podem cair até cerca de 80 dólares, mas isso colocará mais fornecedores em dificuldades e os forçará a cortar capacidade de produção", disse Kato.

"Acreditamos que a recente queda nos preços de minério de ferro é um fenômeno temporário e os preços devem voltar para perto de 100 dólares logo... até o final deste ano ou o fim deste ano fiscal", até março, disse o executivo da Mitsui.

A Rio Tinto, segunda maior mineradora do mundo, espera que outras mineradoras pelo mundo cortem 125 milhões de toneladas de capacidade de minério de ferro em 2014, quase a mesma quantidade de suprimento novo que deve entrar no fluxo vindo da Austrália e do Brasil.

(Por James Topham e Yuka Obayashi)

46-12/09/2014

DNPM interdita Mineração Herculano

A mineradora Herculano que lavra minério de ferro em Itabirito, Minas Gerais, foi interditada pelo DNPM. O motivo é o acidente de ontem, quando uma barragem de rejeitos deslizou matando duas pessoas e ferindo outras (foto). O acidente, além das mortes, causou prejuízos materiais e sérios danos ambientais que ainda estão sendo avaliados.

Acidentes com barragens de rejeito estão entre os mais destrutivos na história da mineração mundial. A Mineradora Herculano, interditada pelo DNPM, já havia sido autuada 28 vezes pelo Ministério do Trabalho...

Fonte: www.geologo.com.br

47-12/09/2014

RIO TINTO DOA 500 QUILATES DE DIAMANTES A MUSEU

A mina de Argyle na Austrália, de propriedade da Rio tinto, doou ao Smithsonian, 500 quilates de seus diamantes. O presente foi entregue pessoalmente pelo CEO da Rio Tinto Sam Walsh e é a primeira coleção de diamantes de Argyle do famoso museu.

Argyle é um lamproito que tem a maior produção de diamantes do planeta entre os quais os diamantes rosa mais famosos do mercado.

O Instituto Smithsonian conta 19 museus e vários centros de pesquisa juntamente com um departamento destinado a diamantes notáveis.

Site Geólogo

48-12/09/2014

DNPM LANÇA INFORME MINERAL REFERENTE AO 1º SEMESTRE DE 2014

O DNPM lançou o Informe Mineral referente ao 1º semestre de 2014. O Informe Mineral é uma publicação que visa mensurar mensalmente, por meio de levantamento sistemático e periódico, o desempenho da mineração em cada semestre. É composta por artigos que tratam de: nível de produção; comércio exterior, mercado de trabalho, desempenho da arrecadação da CFEM e da TAH e outorga de Títulos Minerários. O documento já se encontra disponível no site do DNPM na internet no seguinte endereço: <http://zip.net/bxpywP>

Fonte: Minérios e Minerales

49-12/09/2014

PROJETO DA RIO GRANDE MINERAÇÃO ESTÁ EM FASE DE DESENVOLVIMENTO

O Projeto Retiro, desenvolvido pela Rio Grande Mineração, em São José do Norte (RS), segue a todo vapor. A empresa já entregou ao IBAMA o Estudo de Impacto Ambiental, e o Relatório de Impacto Ambiental (Rima). Segundo a mineradora, a expectativa é que a produção seja iniciada em três anos.

Serão explorados minerais como ilmenita, rutilo e zircão, consumidos pela indústria de cerâmica e pela indústria química. De acordo com presidente da Rio Grande Mineração, Luiz Bizzi, a estimativa é que na primeira fase do projeto a produção seja de 300 mil toneladas anuais dos insumos e que, após dois anos, o volume seja dobrado. Ainda segundo Bizzi, a implantação das duas fases do projeto demandarão um investimento de R\$ 800 milhões. O presidente da empresa adiantou, ainda, que a estimativa é obter em 2015 a licença prévia ambiental. De posse do documento, a empresa começará a levantar investimentos e fechar contratos.

Fonte: Revista Mineração

50-12/09/2014

ARTIGO: MINERAÇÃO E SIDERURGIA NO BRASIL

Para que o setor minero-metalúrgico cresça de forma sustentável, inovação é um dos temas fundamentais que precisam estar na agenda dos executivos da área. De acordo com o Índice Global de Inovação de 2013, o Brasil ocupa o 64º lugar no ranking que avaliou atividades relacionadas à inovação nas instituições levando em conta critérios como capital humano, pesquisas na área, aprimoramento das competências na empresa, além de conhecimento, tecnologia e resultados criativos de 142 países. Nosso país fica atrás de importantes concorrentes na área mineradora: Austrália, que está na 19ª posição, e China, que ocupa a 35ª.

Apesar de o Brasil figurar em uma posição desfavorável se comparada a esses países, a principal mineradora do país obteve destaque no ranking como uma das companhias nacionais que mais investem em inovação: ela foi avaliada como a 98ª e destinou R\$ 1,1 bilhão a pesquisa em novas tecnologias em 2012 (para produzir esse ranking, foram avaliadas 2 mil empresas). Esse dado indica que empresas do setor no Brasil estão dando início a um longo processo para aprimorar os conhecimentos e investir em inovação para competir de igual para igual com as concorrentes de todo o mundo.

O Brasil é prioritariamente um produtor de minério de ferro, o que, por consequência, não contribui para o foco no desenvolvimento tecnológico em outras commodities. Além disso, a dificuldade de investimento não está somente associada à inovação, o país

é um dos que menos investem em exploração mineral, com apenas 3% do total investido, enquanto países como Austrália e Canadá dedicam, respectivamente, 12% e 19% de seus investimentos à exploração, segundo dados do Instituto Brasileiro de Mineração (IBRAM).

Um dos principais desafios observados na indústria da mineração e siderurgia do país são os investimentos em novas tecnologias para utilizar racionalmente a energia. Com a crise energética que ocorre devido à escassez de água nos últimos meses, descobrir novas fontes energéticas, como as oriundas da reciclagem ou o uso das energias solar e eólica, deverá estar na pauta de todas as empresas.

Inserir centros de pesquisas dentro das próprias companhias ou realizar parcerias com universidades para a descoberta de novos produtos e mecanismos que possam modificar o descarte de resíduos são opções a serem avaliadas. O setor público também tem estimulado as empresas a investir em inovação, como o programa lançado no ano passado pelo governo federal, o "Inova Empresa", que vai aplicar R\$ 32,9 bilhões em novas tecnologias nos próximos anos. Além disso, por meio de incentivos fiscais da Lei do Bem, as empresas podem investir em novas tecnologias e aprimorar os conhecimentos em território nacional.

Os incentivos são importantes, mas as empresas devem estar conscientes de que já é tempo de se preocupar com pesquisas e investimentos em inovação. O setor no Brasil ainda é muito tradicional e precisa atingir os parâmetros globais de tecnologia. Assim, será possível se manter em um cenário que evolui constantemente.

* Sócio e líder da área de Mineração da PwC Brasil ** Gerente da mesma área na empresa

Ronaldo Valiño* e Felipe Gomes**

Fonte: site IBRAM

12/09/2014

CANADA PRECISA AGIR RÁPIDO PARA MANTER SUA LIDERANÇA NA MINERAÇÃO MUNDIAL

Diante da crescente competitividade no ambiente global de negócios, A MAC – Mining Association of Canadá, convocou a todos os interessados na mineração daquele país para agirem no sentido de assegurar ao Canadá a manutenção de sua posição de liderança na indústria mineral internacional.

Em palestra na Câmara de Comércio de Vancouver, o presidente da MAC, Pierre Gratton, apresentou uma análise do desenvolvimento da indústria mineral do Canadá na década passada. Afirmando que o “o Canadá se beneficiou tremendamente do aumento dos preços dos minerais na década passada, assistindo a um aumento de 25% no número de novas minas, aumento de empregos e das receitas governamentais. A oportunidade está aí para que o Canadá continue a desenvolver sua indústria mineral de maneira

responsável, criando empregos, abrindo novos negócios e fazendo e melhorando a vida das comunidades como consequência disso”.

“Governos e indivíduos, todos têm um papel a desempenhar na decisão de aproveitar essas oportunidades, ou deixar que outros países assumam a liderança em nosso lugar”, disse Gratton

Em seu discurso, ele destacou alguns indicadores que demonstram como a mineração contribuiu para a prosperidade do Canadá ao longo da última década, mas também indicou alguns sinais da perda de retrocesso.

No ano passado, após oito anos na liderança do ranking global de investimentos em pesquisa mineral, o Canadá caiu para o segundo lugar, atrás da Austrália. Da mesma forma, no último estudo anual publicado pelo Instituto Fraser, as províncias canadenses tradicionalmente incluídas entre as áreas mais atraentes para investimentos perderam suas posições. Por exemplo, Quebec, que ficou em primeiro de 2007 a 2009, caiu para 21º lugar em 2013. Em termos de produção mineral, o Canadá também perdeu o posto entre os “top 5” produtores e 14 commodities minerais, caindo para o décimo lugar nesse mesmo ranking.

Para explicar esse declínio, Gratton ressaltou que o setor mineral canadense passou a operar em um ambiente global muito mais competitivo, em que alguns fundamentos fizeram com que o país se tornasse um local mais caro para o desenvolvimento de novos projetos de mineração. Entre esses fundamentos, destacou o aumento nos custos operacionais e de energia, a carência de mão-de-obra especializada, a falta de infraestrutura crítica para a construção de novas minas em áreas cada vez mais remotas, elevados custos de transporte para levar os produtos ao mercado, os morosos e extensos processos de licenciamento e a burocracia regulatória.

Gratton também negou comentários recentes que o Canadá sofre o risco de perder sua força econômica baseada na exploração de suas riquezas naturais devido às novas exigências para a indústria receber “licença social” ou devido a recentes normas relativas à propriedade e aos direitos dos aborígenes.

“Se olharmos nosso histórico, com mais de 260 acordos com comunidades indígenas concluídos em todo o país, muito poucos projetos de mineração fracassaram em função da falta de suporte dessas comunidades. Quanto ao aumento do risco, eu não creio que a licença social seja um obstáculo significativo para o desenvolvimento de novas minas no Canadá porque, de um modo geral, nossas práticas têm acompanhado a evolução, ou mesmo excedido, às novas exigências”, declarou.

Gratton também abordou o grave rompimento de uma barragem de rejeitos em Mount Polley e os esforços da indústria para reafirmar à população seu compromisso com a segurança e a proteção do meio-ambiente. Lembrando que mais de 200 grandes minas operando diariamente, de forma segura, em todo o país, Gratton reconheceu que uma falha com essa gravidade não é aceitável.

“A indústria mineral canadense e os membros do MAC, em particular, dedicaram a maior parte das últimas duas décadas trabalhando para melhorar as práticas nessa área, para que falhas em barragens de rejeitos não ocorram. Enquanto tentam saber o que causou esse rompimento, o MAC e seus membros estão determinados em aprender com esse evento. Esperamos que a combinação entre regulação eficiente, fiscalização, projetos

bem feitos e boas práticas de manutenção evitem os riscos (de que isso se repita)”, disse Gratton.

Fonte: Mining Weekly

12/09/2014

NOTA DE ESCLARECIMENTO DO DNPM

Assunto: Acidente ocorrido em barragem de mineração no Estado de Minas Gerais, no dia 10/09/2014, em área operada pela empresa Herculano Mineração Ltda, no município de Itabirito/MG.

1. Assim que tomou conhecimento do fato, na manhã do dia 10/09/2014, a Superintendência do DNPM em Minas Gerais, deslocou, ainda pela manhã, equipe de engenheiros ao local para realização de inspeção técnica da área;
2. Desde então, o DNPM está com toda a sua atenção voltada para os fatos ocorridos. Equipes técnicas estão se deslocando diariamente ao local do acidente;
3. Chegando ao local do acidente, que por sua vez estava interditado pelo Corpo de Bombeiros, os técnicos do DNPM realizaram sobrevoo para visualização ampla dos impactos do acidente. O empreendimento possui quatro barragens (B1, B2, B3 e B4);
4. Em função do risco provocado pelo acidente a equipe técnica do DNPM lavrou o AUTO DE INTERDIÇÃO Nº 16/2014-DNPM/SUPERINTENDÊNCIA–MG, que determinou a paralisação imediata das operações nas minas e Unidade de Tratamento de Minérios do empreendimento Herculano Mineração Ltda., nas localidades denominadas Retiro do Sapecado, Tanque Seco e Tanque Seco UTM, no município de Itabirito-MG.
5. Na quinta-feira, dia 11/09/2014, durante nova inspeção do local, com deslocamento por terra, foi observado que o maciço da Barragem B3, à jusante da Barragem B1, também se encontra em situação de risco de rompimento. Para tratar do assunto, foi realizada Reunião Emergencial com os representantes da empresa e técnicos de diversos órgãos dos Governos Federal e Estadual. Nela foram tomadas as seguintes deliberações:
 - i. A empresa deverá apresentar Plano de Ação Emergencial até o dia 15 de setembro próximo para a Barragem B3. Definindo procedimentos a serem adotados em caso de acidente;
 - ii. Foi autorizada a realização de obras emergenciais de curto prazo para manutenção e estabilização da Barragem B3 e demais estruturas associadas;
 - iii. Para intervenção na Barragem B1, que sofreu rompimento, deverá ser apresentado ao DNPM, em quinze dias, Plano de Ações Emergenciais;
 - iv. No prazo de noventa dias, o empreendedor deverá apresentar ao DNPM Plano de Ações Emergenciais de todas as quatro barragens;
 - v. Todos os esforços estão sendo empreendidos para o controle da Barragem B3.

6. No dia de hoje, sexta-feira, 12/09/2014, Engenheiros do DNPM/MG estão na região, para avaliar, junto com profissionais da empresa, as condições geográficas da área para proposição de alternativas técnicas para a mitigação do impacto causado pelo acidente;

7. O prazo para a desinterdição é indeterminado e dependerá do cumprimento da legislação ambiental, mineral e segurança do trabalhador por parte da empresa;

8. A questão da estabilidade das barragens, das causas do acidente, da retomada das operações de lavra e tratamento de minério, e outros questionamentos só poderão ser respondidos após conclusão do relatório técnico de auditoria do empreendimento, com previsão de conclusão em 90 dias.

9. Finalmente, informamos que o DNPM dentro do limite da sua competência estará trabalhando em conjunto com os demais entes públicos para dar a melhor resposta a sociedade.

Anexo Fotográfico:

- 1) Foto do empreendimento em 2006
- 2) Foto do empreendimento em 2013
- 3) Foto da parte preservada da Barragem B1, em 2014
- 4) Foto da Unidade de Tratamento de Minério e do rompimento da Barragem B1 em 10.09.2014
- 5) Foto do rompimento da Barragem B1 em 10.09.2014
- 6) Foto do rompimento da Barragem B1, em 10.09.2014
- 7) Foto da vistoria técnica e observação do rompimento na Barragem B1 em 11.09.2014
- 8) Foto do sobrevoo na área em 10.09.2014
- 9) Foto da barragem B4, de sobrevoo em 10.09.2014
- 10) Foto do material procedente do rompimento da Barragem B1, chegando à Barragem B3.

Atenciosamente,

Geól. Paulo Ribeiro de Santana

Ouvidor

